

# **FUNDAMENTOS DE PSICOTERAPIA REENCARNACIONISTA E UM ESTUDO DE CASO**

**2ª Edição - 2012**

**Revisada conforme o novo Acordo Ortográfico**



**PABLO DE SALAMANCA  
2009**

## **SOBRE O AUTOR**

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Esta obra, *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso*, é fruto do seu curso de formação em Psicoterapia Reencarnacionista e Regressão Terapêutica. Atualmente, no início de 2012, dez livros já foram concretizados pelas mãos de Pablo: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011) e *Sonetos para refletir* (2011).

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, é impossível deixar de agradecer à Força Criadora do Universo, da qual todos nós fazemos parte. Agradeço também àqueles amigos espirituais, que de forma muitas vezes anônima, nos amparam e estimulam. Aos meus pais desta encarnação: muito obrigado pelo sacrifício de suas vidas! Deixo um agradecimento sincero a P. C. R. Cassino e a E. de C. Viegas, sobretudo pela ajuda nos primeiros passos da minha caminhada espiritual. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pela colaboração em anos de trabalho nas lides espiritualistas, o que contribuiu fortemente para a minha compreensão da vida. Também manifesto gratidão a todos que, de alguma forma, ajudaram a promover minha evolução na vida atual. Muito obrigado a Antônio M. Gallo e Rejane Schaffer, pela dedicação extrema como instrutores neste curso. Por fim, agradeço profundamente à “Indaiá”, que me estimulou a ir ao encontro da Psicoterapia Reencarnacionista, bem como cumpriu o papel de “paciente” no presente trabalho.

## **CAPA**

A capa é fotografia de **Leland Davis**, sem denominação, retirada do *site* <http://www.freerangestock.com> (acesso em 27/05/2009), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre para usuários registrados no referido *site*.

## **DIREITOS AUTORAIS**

### **Atenção!**

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* [www.harmonianet.org](http://www.harmonianet.org), ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do *e-mail* [contato@harmonianet.org](mailto:contato@harmonianet.org), quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o autor e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

## PREFÁCIO DO AUTOR

Caros leitores, algumas palavras iniciais são necessárias, antes da exploração deste livro eletrônico. A presente obra, embora discorra sobre os fundamentos da Psicoterapia Reencarnacionista, de maneira alguma esgota o assunto. Aqui será possível notar um panorama sobre esta nova psicoterapia, que espelha a visão de alguém que a pratica há pouco tempo. Assim, provavelmente, não será difícil perceber que alguns procedimentos realizados, não correspondem perfeitamente ao que é preconizado pela metodologia estabelecida, já que, à época, labutava como aluno do curso de formação, carecendo também, da experiência que só os anos conferem. Portanto, recomenda-se àqueles que se interessem mais profundamente pela Psicoterapia Reencarnacionista, que acessem os seguintes sites: <http://www.portalabpr.org/> e <http://www.maurokwitko.com.br/site/>. Contudo, através da leitura desta monografia de conclusão de curso, se notará o grande potencial desta psicoterapia para o autoconhecimento, alívio e cura dos males que afetam a alma humana.

## ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. FUNDAMENTOS DE PSICOTERAPIA REENCARNACIONISTA	2
2.1. A Reencarnação como paradigma	2
2.1.1. Reencarnação e Ciência	3
2.1.2. A finalidade da encarnação	5
2.1.3. O aproveitamento da encarnação	6
2.1.4. As relações cármicas	7
2.2. A Personalidade Congênita	7
2.2.1. Evidências da existência da Personalidade Congênita	8
2.2.2. Emerção eventual de personalidades de encarnações passadas	9
2.3. Aspectos da Regressão Terapêutica praticada na Psicoterapia Reencarnacionista	9
2.3.1. A Regressão Terapêutica em si	9
2.3.2. A ação de obsessores na Regressão Terapêutica	11
2.4. Aspectos da progressão de memória	13
3. ESTUDO DE CASO	14
3.1. O sujeito	14
3.2. Local do atendimento	14
3.3. Procedimentos gerais	14
3.4. Breve descrição do caso	16
3.5. Resultados e discussão	17
3.5.1. Primeira sessão de regressão terapêutica	17
3.5.1.1. Primeira sessão de elaboração	18
3.5.2. Segunda sessão de regressão terapêutica	19
3.5.2.1. Segunda sessão de elaboração	20
3.5.3. Terceira sessão de regressão terapêutica	21
3.5.3.1. Terceira sessão de elaboração	23
3.5.4. Quarta sessão de regressão terapêutica	23
3.5.4.1. Quarta sessão de elaboração	25
3.5.5. Quinta sessão de regressão terapêutica	26

3.5.5.1. Quinta sessão de elaboração	28
3.5.6. Sexta sessão de regressão terapêutica	28
3.5.6.1. Sexta sessão de elaboração	30
3.5.7. Sétima sessão de regressão terapêutica	31
3.5.7.1. Sétima sessão de elaboração	32
3.5.8. Oitava sessão de regressão terapêutica	33
3.5.8.1. Oitava sessão de elaboração	35
3.5.9. Nona sessão de regressão terapêutica	35
3.5.9.1. Nona sessão de elaboração	37
3.5.10. Décima sessão de regressão terapêutica	39
3.5.10.1. Décima sessão de elaboração	42
3.5.11. Sessão de progressão de memória	42
3.5.11.1. Sessão de elaboração da progressão de memória	44
3.6. Conclusões: avaliação final após a aplicação da Psicoterapia Reencarnacionista	46
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

## 1. INTRODUÇÃO

Creio ser relevante, neste texto introdutório, colocar as motivações que me levaram a ter interesse pelo estudo do psiquismo humano e a enveredar pelos caminhos da Psicoterapia Reencarnacionista.

Tive uma formação acadêmica bem cartesiana, tendo me tornado engenheiro em 1991. Em 1994 terminei um mestrado e em 2000 defendi uma tese de doutorado, ambos na mesma área. No entanto, desde jovem já tinha interesse pelas “coisas do espírito”, sendo leitor ávido de várias linhas do pensamento espiritualista, o que me levou a frequentar templos e centros de diversos tipos, em busca de uma compreensão maior sobre a vida. Após discernir o que seria melhor para mim, em 1993, passei atuar de forma direta em centros espiritualistas, através do desenvolvimento e prática da mediunidade. Depois de alguns anos de experiência, comecei a perceber que parte das pessoas que buscavam os variados tratamentos espirituais, só tinham uma melhora parcial, ou, quando tinham um restabelecimento completo, acabavam por cair em reincidências, posteriormente. Após meditar muito sobre esta questão e observar as situações por outros ângulos, concluí que as perturbações de cunho psíquico/emocional que tinham alguns dos frequentadores dos centros, eram, sobretudo, de foro íntimo. Ou seja, a causa primária de suas mazelas não se devia exatamente à atuação dos chamados obsessores, mas sim, tinham origem interna. Desta forma, concluí que a melhor maneira de ajudar a essas pessoas seria tratá-las, também, com algum tipo de psicoterapia. Por isso, a partir do ano de 2006, passei a estudar diversas obras de autores consagrados como Freud e Jung, bem como tive acesso a uma vasta literatura sobre terapia de vidas passadas. Contudo, não estava claro para mim, qual rumo tomar quanto a algum tipo de formação na área psicoterápica.

Em 2007, além de uma gastrite intermitente que me acometia já há alguns anos, passei a ter uma perturbação à noite, durante o sono. Vinha tendo sensações frequentes de que poderia ficar sem ar para respirar, o que me fazia despertar e, não raro, perder o sono pelo resto da madrugada. Isso ocorreu por cerca de seis meses, até que descobri na Internet a Psicoterapia Reencarnacionista. Achei o método interessante e já estava com a intenção de fazer o curso de formação, mas, antes disso, resolvi me submeter a sua metodologia como “paciente”, de forma a sentir a sua eficácia contra as queixas que expus acima, bem como com relação a outras queixas de menor importância.

Realizei um tratamento completo através da Psicoterapia Reencarnacionista, alcançando resultados muito bons. Não apresentei mais o quadro nocivo que ocorria à noite e a gastrite reduziu-se consideravelmente. Além disso, outros problemas de menor monta foram superados e me conscientizei mais sobre quem sou de fato, ou seja, tive um avanço significativo em questões de

autoconhecimento, que é uma base fundamental para se viver em harmonia maior. Também devo assinalar que ter sido “paciente”, previamente, facilitou a compreensão de como funciona o método, contribuindo nitidamente para o aprendizado no curso de formação. Hoje, entendo ser muito importante para o psicoterapeuta reencarnacionista, antes de realizar o curso, passar pelo processo terapêutico todo. Assim, não só estará com o equilíbrio necessário para cumprir sua tarefa como terapeuta, como entenderá bem o que o “paciente” sente durante as regressões/progressões, de forma a melhor poder ajudá-lo a superar os seus problemas, ou, pelo menos, a ter uma qualidade de vida maior.

Após ter sido “paciente” da Psicoterapia Reencarnacionista e, em seguida, realizar o curso, tendo já adquirido alguma experiência com voluntários ao tratamento, sinto-me confortável em afirmar que este método psicoterápico é bastante eficaz e tem um grande potencial de expansão. Num futuro, que acredito não seja distante, muitas pessoas irão se beneficiar profundamente com a Psicoterapia Reencarnacionista.

## **2. FUNDAMENTOS DE PSICOTERAPIA REENCARNACIONISTA**

### **2.1. A Reencarnação como paradigma**

Utilizando a imagem de um prédio para compreender a Psicoterapia Reencarnacionista, pode-se afirmar que a reencarnação funciona como parte da fundação deste edifício. Ou seja, a reencarnação é uma base muito importante, que permeia toda a metodologia de trabalho da Psicoterapia Reencarnacionista. No entanto, é importante destacar que não se pode, de maneira nenhuma, ignorar um mecanismo fundamental de funcionamento da mente humana, que é a relação entre o consciente e o inconsciente. Esta questão também é basilar para a Psicoterapia Reencarnacionista, mas não será abordada aqui, pois isso já foi investigado em profundidade por renomados estudiosos do passado.

Considerando que a reencarnação é tão importante para a Psicoterapia Reencarnacionista, e que a partir dela se desenvolvem os seus pilares metodológicos e principais procedimentos, é bastante relevante, neste trabalho, que se aponte algumas evidências da realidade da reencarnação, sob o ponto de vista científico.



### 2.1.1. Reencarnação e Ciência

A comprovação científica para a reencarnação é, de certa forma, tão difícil quanto a comprovação da vida após a morte física. Até o momento, não é possível atender a todos os postulados científicos, num sentido restrito. Contudo, será que o método cartesiano/mecanicista se aplica de forma bem ajustada a experimentações psíquicas e/ou espirituais? Tranquilamente, é possível afirmar que não. O método científico tem suas limitações para alguns campos do conhecimento. Por exemplo, ainda não há equipamentos aceitos pela ciência tradicional para a mensuração das chamadas “bioenergias” (empregadas em diversas atividades de cura espiritual), embora alguns esforços envidados por pesquisadores pioneiros. O preconceito da ciência instituída é forte obstáculo para o estudo sistemático de tudo aquilo que foge aos padrões materialistas, mas este preconceito ainda tem grande força na maioria dos países. No entanto, já é possível notar cientistas com nova mentalidade, que compreendem o universo de maneira mais ampla e integrada, deixando em segundo plano a velha visão estritamente mecanicista do mundo. Assim, a questão da reencarnação vem ganhando relevância no meio acadêmico e, aos poucos, está deixando o status de mera crença religiosa ou mística, passando a ser uma hipótese científica digna de ser pesquisada. A seguir, serão apresentados brevemente alguns estudos relevantes sobre este tema, embora sejam apenas uma limitada amostra do que já foi feito neste sentido.

Em 1966, Stevenson (1971), da Universidade de Virginia/EUA, publicou o estudo “20 casos sugestivos de reencarnação”, que foi realizado através de investigação exaustiva e metódica de ocorrências naturais de reencarnação (recordações espontâneas) em diversos países. Após ter investigado pessoalmente cerca de 1/3 dos 600 casos catalogados, à época, Stevenson resolveu publicar uma amostra de 20 casos dos mais variados tipos, desde os que estavam muito bem embasados e documentados, até os casos com menor grau de sustentabilidade.

No ano de 1970, o trabalho de Muller (1978), diplomado como Doutor em Ciências Técnicas em Zurique/Suíça, veio a lume com o título “Reencarnação baseada em fatos”. Nesta obra, o autor discutiu intensivamente os casos de reencarnação registrados na literatura da época, conjuntamente com cerca de 700 casos que foram objeto de seu estudo particular. O Dr. Muller investigou as memórias de crianças; memórias de adultos; estudos experimentais (baseados principalmente em hipnose); sensitivos e místicos; evidências a partir do Espiritismo moderno; e o que chamou de “provas conjuntas”. Ao final do seu livro, o autor afirma: “fazendo um balanço geral das diversas classificações apresentadas, verificamos a existência de seis grupos principais e mais de 25 subgrupos. A maioria dos incidentes é de caráter espontâneo, todavia, dispomos de vários



métodos de pesquisa, como a regressão da memória, a investigação através de médiuns e os experimentos realizados pelos próprios sensitivos. Os relatos demonstram enorme diversidade, entretanto, são todos interligados e formam, na verdade, um sistema coerente, uma rede de evidências. Podemos, em princípio, afirmar que todos já viveram na Terra anteriormente, e que a memória de uma ou mais vidas prévias está oculta na estrutura psíquica do subconsciente.”

Em 1979, o Dr. Banerjee, da Universidade de Jaipur/Índia, apresentou ao grande público aspectos de seus estudos que perduravam por mais de 25 anos, acumulando mais de 1100 casos investigados de reencarnação, em todo o mundo. A sua pesquisa, bem como a dos estudiosos citados acima, foram baseadas em rigorosos métodos, e não consideraram a reencarnação como hipótese única para a explicação dos casos, mas também a possibilidade de fraude, percepção extra-sensorial etc. O Dr. Banerjee concluiu que a personalidade humana é composta por aspectos físicos e psíquicos, acrescentando que a parte física é destruída com a morte da pessoa, mas a psíquica, de algum modo sobrevive, podendo se expressar na forma de lembranças de uma ou várias vidas passadas. Ele ainda declara, ao final do prefácio do livro, que tem a convicção de que vivemos anteriormente e de que tornaremos a viver no futuro.

Já a Dra. Helen Wambach, psicóloga norte-americana citada por Silva (1985), utilizou a hipnose clássica para encontrar alguma prova que confirmasse memórias de vidas passadas. Sua pesquisa teve duas etapas, onde, na primeira, teve 800 sujeitos (28% de mulheres), e na segunda, tinha 300 sujeitos (55% de mulheres). No primeiro grupo, constatou-se que em vida passada, a proporção entre o sexo masculino e feminino declarados, sob transe, foi de 50,3% de homens e 49,7% de mulheres. No segundo grupo, a proporção encontrada em vida anterior, também sob transe, foi de 50,9% de homens e 49,1% de mulheres. Estes resultados são os que a Dra. Wambach considera como “a prova objetiva mais robusta” de que os sujeitos realmente regrediram a vidas passadas, já que a divisão de indivíduos entre os sexos masculino e feminino acompanhou o fato biológico da espécie humana, que apresenta normalmente porcentagens semelhantes para ambos.

Além das pesquisas mencionadas, muitos outros pesquisadores estudaram seriamente a questão da reencarnação, através de métodos variados. De posse da já vasta literatura sobre o assunto, é possível afirmar que há evidências suficientes para compreender que a reencarnação é um fenômeno natural. No entanto, prefiro finalizar este capítulo com a opinião de Goswami (2005), professor titular da Universidade de Oregon/EUA, Ph.D em Física Quântica, respondendo à seguinte pergunta: “as ideias de reencarnação e de sobrevivência à morte são científicas?” E ele respondeu: “décadas atrás, a resposta teria sido um sonoro “não”, mas, hoje, não é bem assim. Um dos principais motivos é a existência de bons dados. Referi-me antes a dados relativos a memórias

reencarnatórias espontâneas. Muitos desses dados, com alguns de seus aspectos já estudados, tratam de crianças que se recordam de vidas passadas. Foram obtidos muitos outros dados nas chamadas regressões a vidas passadas: sob hipnose, trauma, drogas ou técnicas especiais, as pessoas parecem recordar incidentes de outras vidas. E muitas das lembranças trazidas à tona foram corroboradas. Em muitos dos casos, a possibilidade de fraude foi eliminada.”

### **2.1.2. A finalidade da encarnação**

Este item do presente trabalho, é um dos pilares da Psicoterapia Reencarnacionista (Kwitko, 2009), conforme o organizador desta metodologia psicoterápica, o Dr. Mauro Kwitko.

Pode-se afirmar que encarnamos, basicamente, para alcançar harmonia. Tudo o que fizemos em vidas pretéritas e que provocou algum tipo de desequilíbrio, seja para nós próprios, seja para o semelhante, precisa ser reavaliado, compreendido e transformado, pondo-se em prática uma nova forma de pensar e agir, de maneira a evitar-se a desarmonia. Talvez o motivo básico de nossa existência seja evoluir para uma posição de equilíbrio, com expansão da consciência, sendo cada encarnação uma oportunidade para que isto ocorra, passo a passo. Considerando isso, é fundamental um autoexame na busca de tendências não construtivas que estão dentro de nós, para que nos aproximemos do planejamento reencarnatório/existencial que fizemos antes da vida atual. Se avaliarmos esta questão por outro ponto de vista, poderíamos afirmar que reencarnamos para alcançar a autorrealização. No entanto, para se chegar à autorrealização, é imprescindível o esforço no sentido de cumprir as metas que foram planejadas para a vida atual, antes de reencarnarmos. Tendo-se isto em mente, é fácil perceber o quanto pode ser útil a Psicoterapia Reencarnacionista e o instrumento da Regressão Terapêutica: através desta metodologia, teremos mais subsídios para saber detalhes do porquê reencarnamos.

Um fato muito interessante com relação à finalidade da encarnação, é que muitos espíritas/espiritualistas brasileiros não têm uma compreensão clara da importância dos estudos pré-reencarnatórios, que constituem o planejamento da vida (ou programação existencial) que tentarão cumprir no Plano Terreno, apesar da vasta literatura nacional sobre o assunto. Esta questão não pertence somente ao “mundo espírita/espiritualista” nacional, mas é fenômeno humano e universal. Isto pode ser constatado, por exemplo, através dos estudos de Wambach (1988), num ambiente religioso e cultural bastante diverso daquele que existe no Brasil. Seu trabalho expressa as razões pelas quais 750 pessoas nasceram (a finalidade da encarnação), através de suas declarações sob transe hipnótico. Estes indivíduos responderam a questões como: se optaram pelo sexo que teriam

na nova vida; se nasceram por vontade própria ou não; se já conheciam a futura mãe de outra vida; qual o objetivo ao vir, sob tais condições, nesta vida atual; etc. Muitas respostas fornecidas espelham, nitidamente, itens da programação reencarnatória/existencial daquelas pessoas, ou seja, ali estão expressas parcelas de suas finalidades de encarnação.

### **2.1.3. O aproveitamento da encarnação**

O aproveitamento da encarnação, conforme Kwitko (2009), é mais um dos pilares da Psicoterapia Reencarnacionista.

As pessoas encarnam justamente para colocarem em prática tudo aquilo que estudaram e planejaram no Plano Espiritual, de forma a libertarem-se de hábitos nocivos desenvolvidos no passado. Então, durante a vida material, surgirão os chamados “gatilhos” e “armadilhas”, para que o indivíduo possa atentar para os seus problemas internos e atitudes inadequadas, buscando novas formas de sentir, pensar e agir, de maneira a se atingir harmonia. É exatamente o Plano Físico o lugar ideal para o aprendizado do espírito, pois é na materialidade que as “vibrações densas” predominam, tornando-se um “ambiente de teste” mais profundo e efetivo. Quando o ser encarnado deixa o seu trabalho de aprimoramento de lado, tornando-se menos consciente dos principais motivos pelos quais está encarnado, os gatilhos e armadilhas, como já comentado, surgem como forma de alerta. O gatilho, por exemplo, pode ser uma situação que dispare uma reação emocional violenta no indivíduo, chamando a sua atenção para a necessidade de um exercício mais intenso de transformação interior. Já as armadilhas são fatos que se somam, reproduzindo as condições em que as pessoas erraram no passado. Ou seja, ressurgem o ambiente “ideal” para que voltem a cometer falhas e enganos pretéritos, justamente para que testem suas capacidades de resistir ao erro ou vício, ressignificando melhor as suas vidas. O arcabouço metodológico da Psicoterapia Reencarnacionista foi projetado para levar o indivíduo, a uma compreensão melhor de suas tarefas existenciais, ao mesmo tempo, buscando um maior bem estar. Pode-se afirmar, portanto, que o bom aproveitamento da encarnação é meta fundamental da Psicoterapia Reencarnacionista, com relação aos “pacientes” que venham buscar seus préstimos. A obra “Como aproveitar a sua encarnação” (Kwitko, 2007a) é um trabalho bastante completo, no que se refere ao tema deste capítulo.

#### **2.1.4. As relações cármicas**

As relações cármicas se constituem em mais um pilar da Psicoterapia Reencarnacionista (Kwitko, 2009).

As relações cármicas ocupam lugar especial no método psicoterápico em tela, pois as pessoas, tendo vivido muitas encarnações outrora, acabaram por criar vínculos fortes com outros indivíduos. Estes vínculos podem ser classificados como positivos ou negativos, e, muitas vezes, uma mistura de ambos os tipos, o que consiste numa trama, muitas vezes desarmônica. Como no universo há uma lei de causa e efeito para tudo, é preciso alcançar um equilíbrio entre as partes envolvidas no processo. Isto não é diferente para as relações humanas, o que resulta na necessidade de harmonização entre aqueles que se feriram de alguma forma. Por isso, é bastante comum na literatura disponível sobre terapia de vidas passadas (Allgeier, 1998; Woolger, 1998; dentre outros) encontrar-se casos de renascimentos, dentro de uma mesma família, de seres que no passado foram inimigos declarados. Recentemente, surgiu um estudo mais específico (Bowman, 2005), que também aborda a questão das relações cármicas. Refiro-me à obra “O amor me trouxe de volta”, que é o resultado de investigações sobre reencarnações que ocorrem num espaço de tempo relativamente curto, onde pessoas que desencarnaram, retornaram na sua mesma família de origem, por motivos diversos (avós tornaram-se seus próprios bisnetos, tios voltaram como seus sobrinhos, mães trocaram de papel com suas filhas e, inclusive, crianças mortas prematuramente voltaram como filhos da mesma mãe).

É interessante ressaltar que os diversos estudos estrangeiros que investigam vidas passadas, apresentam situações muito semelhantes às relatadas nos livros espíritas/espiritualistas brasileiros, confirmando a universalidade do fenômeno, de uma forma geral.

#### **2.2. A Personalidade Congênita**

Outro item que é mais um pilar da Psicoterapia Reencarnacionista é a chamada Personalidade Congênita (Kwitko, 2009). Este termo foi apresentado pela primeira vez numa obra mediúnica, “Obreiros da vida eterna”, psicografada por Chico Xavier. Nela, o espírito do médico André Luiz narra que o Dr. Barcellos, psiquiatra desencarnado, dizia que o que faltou a Freud e seus seguidores foi a noção da Personalidade Congênita (Kwitko, 2008a).

Para compreender o que é Personalidade Congênita, é importante entender que as pessoas não nascem puras, ou seja, já trazem características desenvolvidas em vidas passadas. Em

outras palavras, os indivíduos, ao nascerem, não são como um “livro em branco”, pois trazem em si o acúmulo de experiências de muitas vivências pretéritas, que se manifestam na vida atual na forma de variadas tendências. Estas, sendo positivas ou negativas, constituem a Personalidade Congênita. No entanto, o foco da atenção da Psicoterapia Reencarnacionista se volta principalmente para as tendências desarmônicas. Elas, muitas vezes, já se apresentam na pessoa em tenra idade, como, por exemplo, acessos de raiva sem motivo fortemente justificado; medos infundados; estados melancólicos espontâneos; etc. São aspectos como esses, que ganham vulto conforme os indivíduos se desenvolvem, fazendo com que a sua qualidade de vida caia, também perturbando àqueles que convivem com eles. Ou seja, é a Personalidade Congênita em franco processo de manifestação. Quando se tem acesso aos conteúdos de vidas anteriores de alguém, é muito comum se constatar que as principais características daquele ser, se repetem ao longo do tempo (em diversas encarnações). A experiência de muitos terapeutas de vidas passadas demonstra isso e, embora eles não usem o termo Personalidade Congênita, acabam por atestar a sua existência, quando informam a repetição de padrões de conduta (Binder, 1985; Netherton, 1997; Woolger, 1998; e outros). Por outro lado, aqui no Brasil, temos profissionais da área de saúde com uma visão transpessoal, que embora também não se utilizem do termo Personalidade Congênita, aprovam o seu conceito. É o caso, por exemplo, do psiquiatra espírita Jorge Andréa dos Santos, em dois comentários: “... o ser consigo carrega as tendências de sua própria condição bio-psicológica fixadas nas reencarnações...”; e “a maioria dos sintomas psíquicos, que se instalam na zona consciente, tem origem nos lastros do espírito do próprio ser” (Santos, 1999).

### **2.2.1. Evidências da existência da Personalidade Congênita**

Deixando de lado a experiência de terapeutas de vidas passadas, já citada no item anterior, quanto a evidências da Personalidade Congênita, é relevante salientar os estudos com crianças. Estes estudos tratam de memórias espontâneas, ou seja, recordações que fluem livremente, independentemente do uso de qualquer técnica de hipnose. Estas investigações com crianças são bastante relevantes, pois, nestes casos, não há interferência de um hipnotizador sobre um sujeito, o que, em determinadas situações, produz relatos distorcidos, já que o indivíduo sob hipnose pode tentar atender às expectativas daquele que o hipnotiza, criando fantasias livres (Wiesendanger, 1998).

As pesquisas de Stevenson (1971) e de Muller (1978) apresentam muitos casos de recordações espontâneas de crianças, que evidenciam a realidade da Personalidade Congênita. Mais recentemente, Bowman (1997), percebendo que seus filhos apresentavam reações ilógicas a

determinadas situações, pôde verificar, com a ajuda de um hipnoterapeuta, que ambos tinham vidas passadas traumáticas que influenciavam negativamente nas suas vidas atuais. A Sra. Bowman, a partir disso, realizou aprendizados no campo da terapia de vidas passadas, mas resolveu se concentrar na investigação das memórias espontâneas de crianças, nos Estados Unidos. Os resultados que ela obteve e descreve em seu livro, “Crianças e suas vidas passadas”, demonstram a existência e, em muitos casos, a forte influência da Personalidade Congênita na vida presente dos meninos e meninas estudados.

### **2.2.2. Emersão eventual de personalidades de encarnações passadas**

A emersão eventual de personalidades de encarnações passadas, segundo Kwitko (2009), é mais um pilar da Psicoterapia Reencarnacionista, que vê as psicopatologias de uma forma diferente. Esta emersão eventual consiste na manifestação da Personalidade Congênita em um dado momento ou período, o que seria, conforme as características de enquadramento da CID-10 (OMS, 1993), classificado como uma “esquizofrenia paranoide”, uma “esquizofrenia hebefrênica”, um “transtorno obsessivo-compulsivo” etc. A Psicoterapia Reencarnacionista não dá um valor excessivo a essas rotulações, entendendo que o indivíduo deve ser tratado de uma maneira mais integral ou holística, evitando-se uma estigmatização do ser humano. Um bom exemplo de uma visão mais integral sobre pessoas com problemas, é o que consta na obra “Tratando depressão com terapia de regressão a vidas passadas”, de Kwitko (2008b). Este posicionamento da Psicoterapia Reencarnacionista é concordante com uma série de profissionais e pesquisadores, que não compreendem o mundo sob um ponto de vista exclusivamente cartesiano/mecanicista. É o caso de Santos (1990), ao afirmar: “a complexidade na patologia mental, na maioria das vezes, é de tal ordem, que ficamos com reduzidas possibilidades avaliativas; não existindo limites e divisões precisas em certas distonias mentais, as fronteiras são quase sempre imprecisas e indefiníveis.”

## **2.3. Aspectos da Regressão Terapêutica praticada na Psicoterapia Reencarnacionista**

### **2.3.1. A Regressão Terapêutica em si**

Em termos gerais, regressão é um recurso terapêutico, onde o “paciente” é levado ao passado, para lembrar/revivenciar fatos que interferem no seu equilíbrio atual. A regressão pode ser

ao passado da vida atual do “paciente” (infância ou vida uterina, por exemplo), ou até a vidas anteriores.

O método de regressão utilizado na Psicoterapia Reencarnacionista inicia-se com uma música suave, visando ao relaxamento. Este relaxamento serve para o “paciente” acalmar a sua mente, reduzindo a quantidade e intensidade de pensamentos e emoções. Desta maneira, com a mente o mais “vazia” possível, será facilitado o acesso a fatos importantes do seu passado, que estão no inconsciente. O “paciente” deve ficar preferencialmente deitado, numa posição confortável, num divã ou colchonete. Logo no início do relaxamento, o terapeuta solicita a proteção espiritual para a realização do procedimento, pedindo que seja encaminhada qualquer entidade que esteja tentando interferir negativamente. A seguir, o terapeuta estimula o “paciente” a desligar-se do corpo físico, projetando a sua consciência parcialmente, e expandindo-a, para facilitar a atuação do mentor. Então, invoca a presença do mentor do “paciente”, para que conduza a regressão, ajudando ao seu orientado a relembrar/reviver fatos do passado, que atrapalham a saúde e o bem estar do mesmo. A seguir, o terapeuta fica em silêncio, até que o “paciente” possa manifestar sensações, sentimentos ou comentar visões que esteja percebendo. É importante ressaltar, que o “paciente” deve ser orientado previamente para fornecer o *feedback* necessário ao terapeuta e ao mentor, para que a regressão se desenvolva bem. Quando o “paciente” começar as suas descrições, deve ser estimulado pelo terapeuta a continuar, evitando-se estagnações. O objetivo da regressão pelo método da Psicoterapia Reencarnacionista é a realização da chamada “regressão completa”. A regressão completa passa pelos fatos importantes de uma vida do “paciente”, até o momento do seu desencarne, e indo até o ponto de esclarecimento e reequilíbrio no Astral. Realizados estes passos, o “paciente” é chamado de volta à realidade atual pelo terapeuta, que deverá fazer isso com calma, explicando que o seu retorno será tranquilo e que se sentirá bem após a experiência. É fundamental destacar, neste momento, que a regressão praticada na Psicoterapia Reencarnacionista respeita a chamada “Lei do Esquecimento”. As seguintes palavras de Kwitko (2006a) esclarecem esta questão: “a terapia de regressão não deve nunca ser colocada a serviço da curiosidade. Não devemos infringir a Lei do Esquecimento conduzindo a regressão, dirigindo o processo, ajudando o paciente a saber coisas como “quem eu fui em outras vidas?”, “quem eu e minha ex-esposa fomos?”, “por que meu filho me odeia?”, etc., e, sim, permitir que o Guia Espiritual da pessoa, dentro do seu merecimento e necessidade, lhe mostre e possibilite seu acesso ao que pode ver, ao que merece ver, ao que aguenta ver...”

É interessante salientar, que as diversas modalidades de terapia de vidas passadas (TVP) concordam que é fundamental localizar a(s) fonte(s) traumática(s) dos problemas psíquicos, que os



“pacientes” apresentam, através da regressão. No entanto, nem todas as modalidades de TVP compreendem que, para o “paciente”, recordar/reviver a morte é extremamente relevante para o seu reequilíbrio. Martins (2001) assinala que a passagem do “paciente” pelo desencarne é de suma importância, pois, assim, compreenderá que aquela vida acabou-se, podendo ser liberada. Por outro lado, talvez seja mais restrito ainda, dentre os diversos tipos de terapeutas de vidas passadas, aqueles que entendam e pratiquem uma regressão em que possibilitem, aos “pacientes”, lembrarem e reviverem suas experiências após a morte corporal (no Mundo Extrafísico). Woolger (1998) fornece exemplos de casos em que este tipo vivência foi muito importante para alguns de seus “pacientes”. Portanto, a Psicoterapia Reencarnacionista, ao preconizar a realização da regressão completa (e com o devido respeito à “Lei do Esquecimento”), oferece grandes possibilidades de cura àqueles que a procuram.

Por fim, é importante salientar que o guia espiritual na Psicoterapia Reencarnacionista cumpre um papel central. Ele é que, de fato, conduz a regressão. Isto ocorre desta forma, porque o guia ou mentor é quem conhece mais profundamente o “paciente”, sabendo quais fatos traumáticos mais importantes ocorreram, bem como a melhor sequência de abordagem desses traumas. Assim, o papel do terapeuta encarnado é o de um auxiliar, devendo ter bastante humildade para cumprir esta tarefa. Quem conduz a regressão, portanto, é o guia espiritual do “paciente”. Ao terapeuta, durante a regressão, cabe a função de facilitador do processo.

Uma literatura bastante esclarecedora quanto ao tema deste capítulo, é o livro “Terapia de regressão: todas as perguntas, todas as respostas” (Kwitko, 2007b), que traz complementações relevantes ao que foi abordado.

### **2.3.2. A ação de obsessores na Regressão Terapêutica**

A questão da ação de obsessores durante a Regressão Terapêutica é mais um pilar da Psicoterapia Reencarnacionista, conforme Kwitko (2009). A obra “Doutor, eu ouço vozes! Doença mental ou mediunidade?” (Kwitko, 2006b) fornece um ótimo panorama, relativamente a ação de desencarnados sobre pessoas com perturbações psíquicas. A seguir, apresento outros pontos de vista, dignos de nota.

A literatura espírita/espiritualista é vasta no que concerne à existência de obsessores e os seus tipos de atuação sobre encarnados, e, por ter uma finalidade mais religiosa/doutrinária, sendo também já bastante conhecida, não será citada aqui. No entanto, há estudiosos bastante criteriosos do meio espírita que merecem menção especial, pela formação profissional e experiência de âmbito

científico. Santos (1990), por exemplo, comenta sobre a relação entre encarnado (com problemas psíquicos) e obsessores: “tem-se observado na maioria das doenças mentais, dos mais leves e inexpressivos sintomas às mais severas demarcações, conotações de caráter espiritual. Isto, porque estamos mergulhados num campo de energias psíquicas e de constante sintonia com os nossos respectivos afins.” Palhano Jr. & Oliveira (1997) descrevem um trabalho com pessoas em desequilíbrio psíquico, conjugando a terapêutica espírita com a medicina, destacando, em muitos casos, a presença de obsessores e a necessidade de que estes também fossem auxiliados, para que o sucesso almejado, no tratamento, ocorresse a contento. Novaes (2000), psicólogo, comenta: “devemos entender que os transtornos psíquicos não são necessariamente causados pela obsessão espiritual ... Muitas vezes não se pode determinar onde começa um e termina o outro”. Silveira (2004) apresenta casos em que atuou tanto como experiente psiquiatra de visão holística, como espírita, salientando a influência de entidades perturbadas sobre pessoas com distúrbios de saúde.

Já no campo da parapsicologia, Mendes (1987) relata casos de alterações na saúde mental/emocional, provenientes da atuação do que ele chama “personalidade intrusa”. Este termo, segundo o autor, se refere a obsessores (atuação de espíritos sobre encarnados), mas pode ser uma “personalidade subconsciente” (quando a pessoa manifesta uma personalidade pretérita). Mendes (1992), em nova publicação, apresentou outros casos interessantes sobre a ação de obsessores, causando anomalias comportamentais significativas em pessoas que investigou.

Considerando a área da terapia de vidas passadas, embora seja um meio bem diversificado, também há quem considere a problemática dos obsessores. Por exemplo, Guimarães (1999) aborda a questão chamando-os de “presenças”, que, conforme a autora, frequentemente visitam o *setting* terapêutico durante as regressões.

Em face de tudo que foi exposto, não é difícil concluir que o potencial de atuação de obsessores num ambiente terapêutico não é nada desprezível. Assim, a Psicoterapia Reencarnacionista, durante a Regressão Terapêutica, preconiza ações de forma a impedir a interferência de desencarnados em desequilíbrio. O próprio ambiente do consultório de um psicoterapeuta reencarnacionista deve ser imantado positivamente, de maneira a se formar uma egrégora satisfatória. Sentimentos, pensamentos e atitudes equilibrados por parte do terapeuta, com o seu desejo sincero e humilde em ajudar ao próximo, contribuem relevantemente para a formação da egrégora mencionada. No entanto, em várias oportunidades, os obsessores penetrarão o ambiente e não será possível, aos trabalhadores espirituais que acompanham ao terapeuta, encaminharem os obsessores. Neste caso, o psicoterapeuta reencarnacionista deve orientar o “paciente” a visitar um centro espírita/espiritualista de confiança, para que possa passar pelas chamadas correntes de

desobsessão. Após isso, a pessoa poderá retornar ao consultório para as consultas normais. É importante destacar que, a insistência em atender a alguém que esteja acompanhado por entidade perturbada, pode acarretar em impossibilidade do “paciente” regredir, ou que ele perceba, por exemplo, apenas imagens plasmadas pelo obsessor, durante a tentativa de regressão.

#### **2.4. Aspectos da progressão de memória**

A progressão de memória, praticada na Psicoterapia Reencarnacionista, tem uma exclusiva finalidade terapêutica, ou seja, é diferente do que foi realizado por pesquisadores como o Dr. Chet Snow, citado por Palhano Jr. (1998), que tinha um objetivo mais investigativo quanto à questão da relação entre tempo, espaço e consciência humana. Já o próprio Palhano Jr. (1998), no seu instigante livro “Viagens psíquicas no tempo”, combinou interesses terapêuticos (especificamente quanto à questão da regressão) com curiosidades científicas sobre o futuro (progressão), utilizando-se de duas médiuns experientes.

Na Psicoterapia Reencarnacionista, a progressão de memória visa a ser mais uma “ferramenta de transformação” do “paciente”, não devendo ser encarada como algo que necessariamente vá ocorrer, mas sim como uma possibilidade, conforme a pessoa permaneça com certo estilo de vida, ou caso o indivíduo modifique suas atitudes. Assim, por exemplo, se um “paciente” concorda que o vício do cigarro lhe faz mal, mas afirma que não tem força para largá-lo, uma progressão de memória que o permita vislumbrar como ficaria, se permanecer no tabagismo, pode ser útil para dar-lhe a necessária perseverança em largar o cigarro. Nesse caso, as visões plasmadas pelo seu guia espiritual poderão ser de alguma doença, resultante do uso continuado do tabaco. Agora, fornecendo um exemplo de progressão de memória, de alguém que já decidiu mudar de atitude, cito a situação de uma pessoa que resolveu parar de usar drogas. Este indivíduo, no entanto, tem dúvidas quanto ao seu futuro. Assim, realizando-se uma progressão de memória, solicitando-se ao mentor do “paciente” que mostre o que poderá vir mais à frente, caso deixe de se drogar (como decidira anteriormente), demonstra-se um porvir de saúde e realização pessoal/profissional. Desta maneira, vislumbrando este possível futuro, caso de fato mantenha sua decisão de se libertar dos entorpecentes, o “paciente” tem uma motivação a mais para prosseguir. Ao se estudar a obra “Muitas vidas, uma só alma” (vide capítulo 14), de Weiss (2005), é possível constatar que este autor utiliza a progressão de memória, com finalidades terapêuticas, obtendo bons resultados. A diferença fundamental é que Weiss se utiliza da hipnose, enquanto a Psicoterapia

Reencarnacionista pratica um relaxamento, deixando ao guia espiritual do “paciente”, a formação de imagens relacionadas à progressão de memória.

### **3. ESTUDO DE CASO**

#### **3.1. O sujeito**

Indaiá (nome fictício) é uma mulher de 49 anos de idade, divorciada, tendo dois filhos: um do sexo masculino e um do sexo feminino, ambos maiores de idade. Vive em residência própria e atua profissionalmente em enfermagem, podendo-se afirmar que pertence à classe média. Possui como nível de escolaridade o segundo grau completo. No geral, apresenta boa saúde e encontra-se na chamada fase da menopausa. É espiritualista praticante (médium incorporante e passista), tendo larga experiência com Umbanda e incipientes conhecimentos quanto ao Espiritismo Cristão.

#### **3.2. Local do atendimento**

Cômodo preparado para o exercício da Psicoterapia Reencarnacionista, localizado na sede provisória do Grupo Espiritualista Francisco de Assis, na cidade do Rio de Janeiro.

#### **3.3. Procedimentos gerais**

Na Psicoterapia Reencarnacionista, há quatro procedimentos fundamentais: a 1ª consulta; as sessões de regressão terapêutica; as sessões de elaboração; e as sessões de progressão de memória.

Através da 1ª consulta, se colhem as queixas do “paciente”, bem como informações importantes do mesmo quanto a sua infância, de modo a ser possível caracterizar os seus principais problemas. Também neste primeiro contato, é fundamental sondar se o “paciente” compreende o que é a reencarnação e se aceita que isto constitui-se um mecanismo natural da evolução do espírito. A seguir, mesmo que o “paciente” tenha noção razoável dos mecanismos da reencarnação e das finalidades de sua ocorrência universal, é relevante repassar os principais aspectos relacionados ao tema. Ao fim da 1ª consulta, se explica que o sucesso da terapia depende, fundamentalmente, da vontade do “paciente” em realizar uma reforma interior, transformando os aspectos desarmônicos de seu caráter.

Após a 1ª consulta, se passa para o procedimento da regressão terapêutica, caso o “paciente” esteja bem esclarecido quanto aos fundamentos da Psicoterapia Reencarnacionista (se houverem dúvidas, é importante esclarecê-las antes de iniciar as regressões, realizando uma ou mais sessões preparatórias, onde os mecanismos e finalidades da reencarnação devem ser expostos). A sessão de regressão terapêutica, em si, é baseada num relaxamento com música suave, estando o “paciente” confortavelmente deitado num divã (ou colchonete). Invoca-se o guia espiritual do “paciente”, que é quem realmente realiza a regressão, enquanto o terapeuta funciona como um facilitador do processo. O terapeuta intervém na regressão somente para estimular o “paciente” a prosseguir vendo/ouvindo/sentindo o que o guia permite ao “paciente” revivenciar. Ao terapeuta encarnado cabe, além de auxiliar o “paciente” a ir sempre adiante, na vida que o guia/mentor selecionou, levá-lo também até o momento do desencarne e à época em que encontrou esclarecimento e reequilíbrio no Astral.

Após cada sessão de regressão terapêutica, aplica-se uma sessão de elaboração, alternando-se entre uma e outra, idealmente, 7 a 10 dias de intervalo. O procedimento da sessão de elaboração se trata de um diálogo entre o terapeuta e o “paciente”, onde se sonda este último quanto ao que ele compreendeu da regressão terapêutica, permitindo-lhe relacionar a vida passada lembrada com as suas queixas atuais. Não cabe ao terapeuta, no entanto, apontar correlações e explicá-las. O “paciente” deve, individualmente, obter os *insights* necessários sobre os seus problemas, de maneira a conseguir uma posterior ressignificação.

Depois de todas as sessões de regressão terapêutica estimuladas pelo mentor/guia espiritual e suas correspondentes sessões de elaboração, procede-se a uma ou mais sessões de progressão de memória. Este procedimento tem um preparo igual ao da sessão de regressão terapêutica, com o diferencial de que o mentor criará possíveis imagens futuras que o “paciente” verá, e onde poderá chegar, dependendo de como ele agir daquele momento para a frente. A progressão de memória, assim, estimulará o “paciente” a modificar-se para evitar um futuro de decepções, ou para chegar a uma meta desejável.

Após os procedimentos descritos brevemente, será possível dar alta ao “paciente”, conforme avaliação do terapeuta. Em termos gerais, a Psicoterapia Reencarnacionista tem uma duração aproximada de seis meses, constituindo-se uma psicoterapia breve.

### 3.4. Breve descrição do caso

Na 1ª consulta, constatou-se que Indaiá apresentava queixas variadas. Quanto a sintomas físicos desagradáveis, relatou ter uma alergia respiratória intensa a vários motivos (odores fortes, poeira e, principalmente, devido a mudanças climáticas). Informou ter prisão de ventre crônica. Também declarou apresentar dores de cabeça intensa, logo após contrariedades ou aborrecimentos. Com relação às queixas de caráter emocional, assinalou sentir-se uma pessoa rígida, impaciente, crítica e muito exigente consigo mesma e com os demais a sua volta. Destacou também possuir uma preocupação excessiva com a sua filha, sem entender bem o porquê, e agindo de forma superprotetora. Saliou que, embora não sinta mágoas do ex-marido, as lembranças de desavenças e aborrecimentos eram constantes. Também recordava, com frequência, da ex-sogra e ex-cunhada, com algum incômodo, relatando que se pudesse não encontraria mais as pessoas citadas. Comentou também, que possuía a característica de ter uma repulsa por prostitutas e por pessoas que trocam de parceiros sexuais constantemente (explicou que quando descobria que alguma colega de trabalho tinha este comportamento, se afastava da mesma).

No seguimento da 1ª consulta, ao investigar-se a infância de Indaiá, esta informou que passou de uma fase de grande fartura para outra de extrema pobreza, após a separação de seus pais. Afirmou que se relacionava relativamente bem com pai, mãe e os diversos irmãos que possuía, menos com o mais velho que era rude. Destacou que a mãe era muito disciplinadora, mas um tanto desorganizada, o que levou-a, desde jovem, a assumir várias responsabilidades para auxiliar nos serviços de casa. Na adolescência realizou um curso técnico profissionalizante, ao mesmo tempo que trabalhava no comércio, de modo a conseguir logo a sua independência em relação à família numerosa, buscando o seu próprio espaço. Casou cedo e teve uma relação conturbada por mais de 20 anos, até que resolveu separar-se. Disse que, talvez por este histórico, agora apresentava-se com um quadro de ansiedade mais ou menos constante, sempre pronta para agir e tomar decisões, não permitindo-se o descanso necessário. Às vezes, segundo ela, ocorriam estados melancólicos, mas que não duravam mais que um ou dois dias, embora estas ocorrências fossem cíclicas.

### **3.5. Resultados e discussão**

#### **3.5.1. Primeira sessão de regressão terapêutica**

Logo no início do relaxamento, Indaiá relatou uma pressão na têmpora direita e uma sensação de “formigamento” nos braços. Depois de 15 minutos, ele disse ter visto uma jovem semelhante a uma princesa, descrevendo-a: uma moça bem jovem, de cabelos negros e pele bem clara, trajando um vestido longo de cor azul. Ela, então, confessou que desde alguns minutos antes estava vendo aquela figura, mas estava achando ridícula a situação, pois acreditava que muitas mulheres teriam uma tendência natural de se imaginar como princesas. Assim, arrematou que estava rejeitando o processo que estava se desenrolando, mas a visão retornava com insistência. Informou, em seguida, que a pressão na têmpora e o “formigamento” nos braços haviam sumido. Então intervi, dizendo a ela que não rejeitasse nenhuma visão ou sentimento. Informei-lhe que voltasse a relaxar e deixasse fluir as sensações de forma livre.

Depois de alguns minutos, Indaiá conseguiu se conectar à história daquela jovem que vira antes. Percebeu que a jovem era ela mesma num outro tempo, não sendo uma princesa, mas sim uma moça de família rica. Notou que a jovem estava grávida, em torno de quatro ou cinco meses. Começou a sentir uma certa angústia e impaciência, porque aguardava o retorno do homem que a engravidara. Ele não aparecia. Solicitei que avançasse um pouco no tempo de gravidez. Após instantes, Indaiá se via com uma barriga bem maior. Já compreendia que fora abandonada. A seguir, houve novo avanço no tempo, sem que fosse preciso um pedido meu. Indaiá observou que já havia parido a criança, uma menina, mas seus pais rejeitaram tanto a ela como à filha recém-nascida. Assim, a “paciente” recordou que foi até um convento, situado num lugar alto e cheio de árvores, para entregar a menina. Assinalou que estava desnorteada. Aqui faço um parêntesis na regressão, para destacar que no início do relaxamento de Indaiá, enquanto a música ainda estava no seu início, também relaxei brevemente, e acabei por ter uma visão de diversas freiras, que logo desapareceu. Portanto, de alguma forma, captei parte da história que iria ser descrita em seguida. Retornando ao relato, Indaiá continuou informando que, após a doação da criança no convento, ficara muito triste, desolada mesmo, não conseguindo se afastar do portão do convento. Ali ficou por muito tempo, sem saber o que fazer, arrependida e sem forças para viver (a “paciente” chorou devido à tristeza e queixou-se de forte dor de cabeça, que, depois de alguns minutos, desapareceu sem deixar vestígio).

A seguir, estimulei ao prosseguimento no tempo, mas notei que Indaiá permanecia presa ao remorso e àquele momento de impasse em sua vida. Após um pouco de insistência de minha



parte, a “paciente” se permitiu avançar, se vendo deitada num leito de hospital, muito fraca, rejeitando alimento e sem vontade de viver. Estava numa espécie de letargia. Então, assinalei que seria importante progredirmos mais no tempo, deixando para trás esta fase, a fim de entendermos o que se sucedeu. Na sequência, ela se viu com cerca de 50 anos de idade. Havia se casado com um homem que se apresentava de cabelos grisalhos, de idade aproximadamente igual a sua, numa pequena fazenda. Indaiá sabia que tivera outros filhos, mas que estes já não estavam ali, tendo seguido seus próprios caminhos. Narrou que havia gado bovino. Ela cumpria tarefas simples no dia-a-dia, como, por exemplo, ordenhar vacas. Explicou que sua casa era simples, mas que, no geral, sua vida era confortável. Assinalou que o seu marido era bom para ela e que conviviam bem. Ele comercializava os produtos da fazenda e parte do que produziam era para consumo próprio. No entanto, Indaiá afirmou que era uma pessoa predominantemente tristonha, em decorrência de ainda lembrar constantemente da filha que entregara no convento.

Em seguida, solicitei que houvesse a ida de Indaiá até o momento de seu desencarne. Ela então ficou por um tempo sem falar e, de repente, sofreu um estremelecimento no corpo, como um tranco. Pedi-lhe explicações do que sentia e ela informou que aquilo fora a sensação do seu desenlace. Perguntei para onde havia ido após deixar o corpo e como estava. Ela disse que, embora estivesse se sentindo bem, havia um pouco de fadiga. Indaguei se desejava prosseguir e ela disse que não, pois precisava descansar. Então, procedi ao encerramento da sessão, afirmando que ela se sentiria bem após o término da regressão, estimulando-lhe a retornar lentamente. A sessão durou exatamente uma hora e a “paciente”, logo a seguir, afirmou estar bem.

### **3.5.1.1. Primeira sessão de elaboração**

Após uma semana, foi realizada a primeira elaboração. As impressões provenientes da 1ª regressão foram repassadas. Indaiá, então, comunicou que havia encontrado várias conexões entre o que vira no passado e sua vida atual. Segundo ela, o aspecto mais importante foi o de ter entregue sua filha para as freiras outrora. A isto ela associou o fato de, hoje, ter muito apego e até superproteção quanto a sua filha. A “paciente” também colocou que a grande tristeza que sentiu no pretérito, após doar a filha, talvez se manifeste na vida atual por alguns períodos de melancolia, que surgem sem causa aparente, de forma mais ou menos cíclica, e desaparecendo depois de cerca de um dia de duração. Ela salientou, em seguida, que tivera uma forte dor de cabeça durante a regressão, após ter revivenciado a entrega da filha no convento. Quanto a esta situação, ela comentou que, nos dias atuais, sempre que passa por algum aborrecimento um pouco mais severo,

acaba por ter dores de cabeça intensas. Indaiá também relatou que, atualmente, tem uma mania de ir até a caixa de correspondência de sua casa, várias vezes ao dia, acreditando que chegará alguma carta. Relacionou isto com a sua longa e ansiosa espera pelo retorno/notícias do homem que a engravidara, no passado. Por fim, ela notou que um padrão daquela vida passada se repetiu na atual: iniciou a vida numa situação próspera, passando para a extrema pobreza e chegando à idade madura com uma estabilidade financeira razoável.

### **3.5.2. Segunda sessão de regressão terapêutica**

O relaxamento foi iniciado, como sempre, com uma música suave no ambiente. Indaiá logo acusou sentir uma pressão na têmpora direita. Com dez minutos de sessão, informou que perdera o sentido do tato no braço direito inteiro (sensação de “formigamento”). Um pouco depois, relatou que isto ocorreu no braço esquerdo.

Após poucos minutos, perguntei-lhe se sentia ou via algo. Ela declarou que estava vendo uma enfermeira alta, cuja cabeça era coberta por uma touca antiga. No entanto, disse que poderia ser alguma interferência de sua mente, já que trabalha, hoje, com enfermagem. Permaneci em silêncio, e mais alguns minutos transcorreram. Então, notando que ela estava muito passiva e quieta, resolvi questionar a imagem da enfermeira. Indaiá respondeu que a enfermeira não era ela. Na realidade Indaiá estava sendo cuidada pela enfermeira. A partir desse ponto, a “paciente” em regressão começou a entender o enredo de sua história pregressa. Assinalou que estava naquele local para dar à luz a uma criança. Indaguei se ela possuía um marido. Ela afirmou que sim, e que era uma boa pessoa, tratando bem dela no dia-a-dia. Indaiá acrescentou que ele parecia ser médico, embora não estivesse presente no parto. Solicitei, em seguida, que avançasse um pouco no tempo, para observarmos o desfecho do parto. Após alguns instantes, narrou que teve uma menina. Perguntei sobre a criança, se tinha cabelos. Ela explicou que seus cabelos eram bem ralos e na cor ruiva. Salientou que amamentou a menina uma única vez, pois o parto não fora perfeito (lhe pareceu que ficou um pouco de material dentro do útero). Assim, tiveram que tirar a menina dela. A seguir, Indaiá disse que estava sentindo febre e tinha outros tipos de mal-estar. Estimulei que prosseguisse, até que entendêssemos como havia se saído nestes problemas pós-parto. No entanto, ela relatou uma intensificação das complicações, salientando que estava com dificuldade de falar.

Percebendo a situação difícil, afirmei que seria importante prosseguirmos mais adiante no tempo, até o momento em que o problema estivesse superado. Em pouco tempo, Indaiá recuperou a serenidade. Comunicou que estava tudo escuro. Indaguei se havia desencarnado, e logo

ela afirmava que sim. Questionei se lembrava do lugar para onde havia ido após o desenlace, e se conversara com algum mentor que pudesse lhe ter esclarecido a situação. Depois de instantes, ela declarou que não podia ver mais nada. Acrescentou apenas, que lembrava ter entendido que a filha ficara bem. Então, sondei se Indaiá estava se sentindo bem naquele momento. Ela informou que sim e, por isso, achei interessante encerrar a sessão, que havia durado 50 minutos.

### **3.5.2.1. Segunda sessão de elaboração**

Depois de sete dias, encontrei Indaiá para a sua segunda elaboração. Perguntei-lhe como estava se sentindo no geral e quais as suas impressões sobre o que havia vivenciado, na segunda sessão de regressão terapêutica. Ela, então, relembrou a primeira regressão e também a segunda, fazendo uma avaliação conjunta de ambas. Concluiu que teria havido a chamada “Lei de Ação e Reação”, pois, segundo ela, após aquela vida em que havia doado a menina no convento, teve como resultado uma vida subsequente em que deu à luz a uma menina novamente, só que não pôde criar a mesma, já que falecera logo após o parto. Informou que, após o desencarne na segunda regressão, não teve sentimento de frustração forte por não poder criar a menina, porque, na verdade, o seu sentimento predominante era o de alívio, por ter entendido que a menina ficara bem no Plano Terreno. Acrescentou que, após o seu desenlace, o que sentiu foi um tipo de serenidade. Comentou também, que achou interessante que o seu mentor apresentasse esta sua vivência, de forma bem focada na questão da maternidade, sem mostrar maiores detalhes daquela sua passagem pela Terra. Assim, Indaiá concluiu que o guia espiritual desejava priorizar esta questão. Por fim, a “paciente” informou que, desde a sua primeira gravidez na vida atual, já desejava intensamente ter um filho do sexo feminino. Antes, não entendia o porquê, mas, agora, compreende perfeitamente.

Algumas semanas após esta sessão de elaboração, reencontrei Indaiá e ela fez questão de me informar um sonho recorrente, que sua filha atual vinha tendo há alguns dias. A jovem (com 20 anos de idade) disse à Indaiá que o sonho insistente vinha repetindo-se, noite após noite, e aquilo a estava incomodando, pois ela no sonho era uma jovem angustiada, que vivia tentando descobrir quem era a sua mãe. Ou seja, havia uma concordância das regressões de Indaiá com o sonho recorrente de sua filha atual. Possivelmente, Indaiá concluiu, a sua filha atual deveria ser o mesmo espírito a quem concebera no passado, mas que acabou por não criá-la e educá-la. Não estimulei Indaiá a crer nessa informação de forma absoluta, mas este evento trouxe-lhe uma certeza íntima de que estava, de fato, revivenciando suas vidas passadas durante as regressões terapêuticas. Isto foi positivo para o tratamento de Indaiá, já que ela se mantinha, desde o início de todo o processo, com

alguma dúvida se estava realmente acessando suas vidas pretéritas, ou se estava fantasiando de alguma forma. É importante ressaltar, que as regressões de Indaiá vinham se realizando com sigilo absoluto.

### **3.5.3. Terceira sessão de regressão terapêutica**

Após os cuidados de praxe, teve início a terceira sessão de regressão terapêutica. Depois de cerca de 10 minutos de relaxamento, sob música suave, Indaiá afirmou que era homem e se encontrava num cais, aguardando um navio negreiro. O homem segurava um chicote bastante grande, trajando uma roupa de tons marrons. Veio-lhe à mente o ano de 1812 (seria o ano de seu nascimento, segundo entendera a própria “paciente”) e que vivia no Brasil.

A seguir, Indaiá observou uma cena em que o homem (ela) já examinava os dentes de alguns negros fortes. Escolheu somente os negros de sexo masculino (em torno de seis). Na sequência, notou que chegara em sua fazenda, onde se produzia basicamente café. Afirmou que não era ruim com os seus escravos negros, e que estes lhe obedeciam de forma submissa. Narrou que tinha uma filha, descrevendo-a como uma bela jovem, de pele muito clara, apresentando duas tranças de cabelo bem longas, que apareciam sob uma espécie de chapéu feminino antigo. Solicitei, então, informação sobre a idade da moça. A “paciente” colocou que a jovem tinha 18 anos e que sua família possuía apenas três componentes: o fazendeiro, a esposa e a filha descrita. Neste momento da regressão, era visível que Indaiá estava em um transe profundo, pois o jeito de falar e alguns termos empregados denotavam que, de certa forma, reassumira a sua antiga personalidade masculina arrogante e dominadora.

Indaguei sobre as atividades da fazenda, e a resposta foi que só observava café plantado (descreveu uma longa rampa de terra com declividade significativa, onde se destacava o verde do cafezal). Salientou a robustez dos pés de café e disse que as folhas eram grandes e bem nutridas. Então, estimulei Indaiá a prosseguir no tempo, de modo que pudesse chegar a algum momento importante de sua vida. Em poucos instantes, a “paciente” assinalou que o principal problema de sua vida, fora uma situação de sua filha com um pretendente. Explicou que havia um homem, bem mais velho que sua filha, que estava interessado muito mais nas suas terras do que na jovem. Ainda afirmou que sua filha era muito nova e nada conhecia da vida. Além disso, acrescentou que o tal homem não era o que ele havia planejado para a moça. Em seguida, relatou que acabaria tendo que mandar matar o pretendente. Continuou, afirmando que não iria sujar as suas mãos, mas que teria que eliminar o homem. Após breve silêncio, intervi, perguntando o que havia acontecido.

Indaiá/fazendeiro respondeu que teria que mandar matar e que tinha quem fizesse o serviço. Explicou que o seu “braço direito” na fazenda fazia o “trabalho”. Prosseguiu dizendo que era um negro, um de seus escravos, e que ele era a pessoa de confiança para a tarefa.

Resolvi, então, estimular a um avanço no tempo, para que entendêssemos o desfecho da história. A “paciente”, a seguir, informou que o pretendente de fato sumira. Questionei como e a resposta que obtive de Indaiá, é que ele (fazendeiro) nem quis saber como o negro resolvera o caso. No entanto, afirmou, “aí é que começou o maior problema”. De alguma forma, a mulher do fazendeiro e a sua filha desconfiaram que o “sumiço” do pretendente, fora devido à interferência do chefe da casa. Não o acusaram, nem mesmo falaram nada a respeito, mas as duas mulheres foram se tornando cada vez mais distantes e frias. Isto causou grande tristeza ao fazendeiro, segundo o seu próprio relato. Com o tempo, o cafeicultor passou a beber e a fumar muito para esquecer o problema. Solicitei um novo avanço no tempo. Após alguns anos, Indaiá/fazendeiro comunicou que tinha dificuldades para falar. Era como se houvesse um “nó” na garganta. Explicou, então, que estava com uma grave doença e que definhava. Mais à frente, observou que até mesmo ingerir água era algo difícil. Nesta época de seu depauperamento, salientou que a mulher e a filha o tratavam com desprezo. Quem permaneceu solícito, até o final de sua vida, foi o seu escravo e “braço direito” na fazenda. Narrou que viu uma cena em que o escravo lhe dava água, para que não passasse sede.

Naquele momento da regressão, solicitei, mais uma vez, o auxílio do mentor de Indaiá para progredirmos no tempo, até o desencarne do fazendeiro. Depois de instantes, a “paciente” relatou que o incômodo na garganta era bem grande, e que parecia ter perdido a língua. Afirmou extrema dificuldade em falar. Comuniquei que seria importante avançarmos no tempo, até um momento de esclarecimento e alívio. Logo a seguir, Indaiá revelou que a dor na garganta havia reduzido, mas que estava num lugar escuro. Não podia enxergar nada. Solicitei, mais uma vez, uma progressão até um momento de esclarecimento de toda a situação. Após cerca de um minuto, a “paciente” mostrou grande surpresa e vergonha. O fazendeiro acabou por se encontrar com o homem a quem mandara assassinar. Este disse-lhe que já havia o perdoado e estava ali para ajudá-lo. Indaiá/fazendeiro reafirmou que sentira muita vergonha e, ao mesmo tempo, grande alívio pelo perdão (chorou bastante neste momento). A seguir, indaguei à “paciente” sobre o local onde se encontrava (se era um hospital espiritual e se encontrara algum mentor). Ela apenas esclareceu que estava em campo aberto, numa extensa campina verde. Perguntei se ela estava se sentindo bem, ao que respondeu afirmativamente, embora declarasse algum cansaço. Assim, finalizei a sessão, que durou 45 minutos.

### **3.5.3.1. Terceira sessão de elaboração**

Quando encontrei-me com Indaiá novamente para realizar a elaboração, tive uma surpresa. Ela afirmou que vinha há algumas semanas, silenciosamente, sentindo uma espécie de pigarro persistente na garganta, e que estava com pensamentos estranhos de que poderia estar com câncer. No entanto, ocultara esta preocupação de qualquer pessoa, por achá-la como algo sem um fundamento maior, embora o temor estivesse crescendo a cada dia. Assim, disse que sentiu um alívio imediato, pois entendeu que o seu receio era proveniente do que sofrera no passado (meses após aquela regressão reveladora, perguntei-lhe como estava a sua garganta e os seus temores quanto à saúde, e ela, demonstrando espanto pelo próprio esquecimento, informou que havia superado completamente aquelas preocupações). A “paciente” relacionou a dificuldade de se alimentar e beber, ao final de sua vida como fazendeiro, com a sua rejeição a comer na infância desta vida. Segundo ela, a sua mãe teve grande dificuldade em achar alimentos que aceitasse. Indaiá, também observou que talvez o problema que tivera na garganta, como fazendeiro, se reflita hoje em sua alergia respiratória (às vezes apresenta uma faringite alérgica). A seguir, ela associou o seu caráter atual disciplinador com a vida pretérita, em que fora latifundiário e escravocrata. Destacou a intensidade da vergonha, em se encontrar no Astral com o homem a quem mandara tirar a vida, explicando a enorme ambiguidade da situação: por um lado sentia grande alívio e emoção pelo perdão que lhe fora dado, mas também gostaria de se ocultar de sua vítima. Logo em seguida, Indaiá disse que deveria ser menos rígida de uma forma geral, afirmando ter entendido a importância do perdão. Por fim, atentou para o fato de uma vida passada, novamente, ter apresentado uma situação em que tinha uma filha. Além disso, salientou que a preocupação extrema que tivera com a filha no passado (evitar a qualquer custo um casamento que julgava ruim) se refletia no presente, através da superproteção com a filha atual. Inclusive, Indaiá levantou uma hipótese, de que esta figura filial feminina de vidas anteriores poderia ser o mesmo espírito que, agora, novamente lhe é filha. Quanto a isso, afirmei-lhe que este detalhe não é algo fundamental, mas o que realmente é relevante, são as suas conclusões quanto à importância que a figura de uma filha tem para si.

### **3.5.4. Quarta sessão de regressão terapêutica**

O relaxamento foi iniciado e, após cerca de 15 minutos, Indaiá afirmou que acreditava ser impossível regredir, pois estava percebendo apenas imagens de confusão. Acrescentou que surgia fogo de um lado, fochos de luz por outro ângulo, sem compreender nada. Entendi que aquilo

que ela estava narrando já era o início da regressão em si, e, desta forma, solicitei que o mentor a auxiliasse no esclarecimento da situação. A seguir, perguntei a ela se não estaria percebendo a ocorrência de um incêndio ou algo parecido (uma guerra talvez). Após alguns instantes, ela disse que estava começando a compreender o que se passava. Então, comentou que era uma aldeia indígena que pegava fogo. Indaguei se ela pertencia à aldeia citada e se ela era vítima ou agressor na situação. Logo em seguida, a “paciente” comentou que infelizmente era ela quem punha fogo na aldeia. Aproveitando o ensejo, perguntei se era homem ou mulher à época. Respondeu-me que era homem, um índio. Como Indaiá estava um tanto estática durante a regressão, provavelmente impressionada com as cenas ou um pouco confusa, continuei perguntando, na intenção de ajudar-lhe a se situar melhor na história que se desenrolava, e para que fornecesse o necessário *feedback*. Assim, indaguei porque fazia aquilo. Informou-me, na sequência, que o índio (ela) estava agindo como um “vândalo”. Com surpresa, ela salientou que não percebia um motivo específico. Então, coloquei que deveria haver alguma motivação para se pôr fogo numa aldeia. Solicitei ao mentor que fizesse a “paciente” retornar no tempo, o suficiente, para que entendêssemos o porquê da atitude incendiária.

Após alguns momentos, notei que a face de Indaiá denotava um misto de tristeza e revolta. Passou a narrar, que a sua aldeia fora atacada quando ela era apenas um garoto. Relatou que todos de sua aldeia natal foram mortos, depois de um ataque de flechas em chamas. O menino fugira, muito assustado, conseguindo sobreviver sozinho. Após um intervalo de tempo sem falar, Indaiá salientou que estava, agora, entendendo tudo. Desta maneira, passou a explicar que, após a fuga, realmente ficou vivendo só. Desenvolveu um forte desejo de vingança, passando a viver em função disso. Atacava outras aldeias à distância, atirando flechas com fogo (fez o gesto no ar). Informou que atirava e não esperava para ver o resultado, indo se esconder na floresta. Indaguei como eram as moradias das aldeias, ao que me respondeu que eram de palha. Também perguntei se havia cavalos no lugar, e Indaiá salientou que só andava a cavalo. Questionei como era o tipo de floresta onde se refugiava, e a resposta foi que as árvores eram muito altas.

Em seguida, solicitei que houvesse um avanço no tempo, de forma a podermos constatar alguma modificação no seu estilo de vida. A “paciente”, após um período em silêncio, respondeu que permanecia com o desejo de vingança. Esclareceu que apenas havia reduzido o ímpeto, mas que continuava com as suas atividades incendiárias. Então, pedi que Indaiá avançasse ainda mais no tempo, para que acompanhássemos o desfecho da sua vivência. A seguir, narrou que o índio fora picado por uma cobra. Tudo fora muito rápido e logo ardia em febre (demonstrou que os sintomas lhe incomodavam). Investiguei se havia desencarnado, e logo constatei que sim. Agora, a “paciente”



dizia que estava presa ao lugar, acompanhando o início de deterioração do corpo. Contudo, afirmou que se aproximava um tipo de onça e que esta passou a morder a cabeça e face do seu corpo. A seguir, relatou com repulsa que seu corpo estava sendo dilacerado. Afirmou que se sentia muito mal em ver a cena. Então, comuniquei que progredisse no tempo, até um momento de conscientização de toda a sua situação. A partir disso, o índio (Indaiá) explicou que estava visitando cada aldeia onde fizera ataques. Ouvia gritos de lamento e revolta em torno de si. Afirmou que lhe doía a cabeça e que estava muito incomodada com tudo.

Mais uma vez, solicitei que seguisse à frente, mas que fosse até o momento em que se sentisse bem, ou que pelo menos tivesse alívio dos maiores sofrimentos. Rapidamente a sua expressão facial, antes carregada, tornou-se tranquila. Tentei obter detalhes de onde estava, mas pude apenas concluir que o índio desencarnado entrara numa espécie de entorpecimento. Neste estado, pôde relatar que outras pessoas passavam as mãos pelo seu corpo (astral). Informou que sentia “choques” e “formigamentos”, durante um processo em que o “peso” agregado ao seu corpo astral era reduzido paulatinamente. Depois de instantes, afirmou que estava sentindo bastante alívio. O índio desencarnado acabara de passar por uma “limpeza espiritual”. Então, perguntei se já havia compreendido a sua situação. Respondeu, em tom de lamento, que havia entendido que errara muito. No entanto complementou, com visível emoção, que percebia quão grande era o amor de Deus. Indaguei-lhe de que forma recebera instrução no Astral e se, por ventura, se lembrava de quem havia lhe instruído. Afirmou que não recordava, mas que se encontrava num local com boa claridade. A seguir, de repente, a “paciente” disse estar rememorando um sonho que tivera anos atrás, onde ela teria entrado numa espécie de máquina (semelhante a uma nave) como adulto, saindo por um abertura oposta como criança. Agora, ela estava revivendo o “sonho” e aguardava numa fila para entrar na “máquina” novamente. Quando chegou a sua vez, começou a chorar muito, mas logo frisou que era de alegria, pois iria recomeçar. Estava muito feliz porque iria reencarnar. Informou que esperava aquela oportunidade com grande expectativa de renovação. Então, percebendo que a “paciente” dava a impressão de estar cansada, resolvi indagar se estava bem. Ela relatou que preferia parar o processo para descansar. Assim, procedi ao encerramento da sessão, que teve a duração de 55 minutos.

#### **3.5.4.1. Quarta sessão de elaboração**

Logo no início da elaboração, Indaiá manifestou algum espanto com relação a sua vida de índio incendiário. Destacou que o seu sentimento de vingança foi muito intenso e, hoje, julga

aquele tipo de vida um despropósito. No entanto, a “paciente” relacionou aquela vontade empedernida do índio com um aspecto que ela traz, agora, em sua personalidade: uma certa rigidez de caráter (inflexibilidade). A seguir, lembrou que durante a regressão terapêutica teve uma forte dor de cabeça, enquanto o índio, já desencarnado, visitava as localidades onde estavam aqueles que prejudicava. Ela associou isto às dores de cabeça intensas que sofre, quando, hoje, se aborrece com alguma situação difícil. É importante lembrar que ocorreu cefaleia também durante a primeira regressão, ao deparar-se com a doação que fez de sua filha. Assim, é possível notar que há indícios de que Indaiá somatiza seus problemas, na forma de dores de cabeça.

Finalizando a elaboração, Indaiá comunicou que, ao final da regressão, lembrara um sonho que tivera anos atrás. Disse que durante a regressão finalmente pôde compreender o que ele significava: oportunidade de renovação através da reencarnação. Através do simbolismo do sonho, compreendeu que, à época, reencarnar foi algo que ela aceitou muito bem, devido à expectativa de melhorar.

### **3.5.5. Quinta sessão de regressão terapêutica**

Após cerca de 10 minutos de iniciado o relaxamento, Indaiá passou a contar uma história. Disse que estava num lugar frio e havia quebrado os dois braços. Segundo ela, o braço esquerdo estava pior, praticamente “pendurado pela pele”. A seguir, reclamou que estava sentindo dor nos braços e forte dor na cabeça. Solicitei esclarecimentos de quem ela era e a resposta foi que era homem, um caçador. Estava numa montanha gelada, caçando sozinho, quando houve a queda. Perguntei se não era possível levantar-se. O “caçador” respondeu que suas pernas estavam dormentes. Acrescentou que via muito sangue espalhado na neve.

Como eu percebi que o caçador não escaparia daquela situação, solicitei um retorno no tempo, para que pudesse haver uma compreensão global melhor sobre a sua vida. O mentor prontamente atendeu ao pedido, levando sua “pupila” a um retrocesso cronológico. Assim, foi possível compreender que o caçador possuía pele bem morena e usava trajes pesados, feitos de pele de algum animal peludo. Ele vivia numa comunidade de casas simples, construídas com uma madeira semelhante ao bambu, cobertas com palha. A “paciente” explicou que a neve não durava o ano inteiro, havendo épocas de clima mais ameno. Caçava animais e pescava, mas destacou que a base alimentar era oriunda da atividade da caça. Descreveu que a principal presa era um animal semelhante a um porco, mas cujo focinho era muito longo e a pele meio cinzenta. Esta breve

descrição parece corresponder a do javali, conforme o artigo “Javali” (2009), encontrado no endereço eletrônico [http://www.agrov.com/animais/peq\\_ani/javali.htm](http://www.agrov.com/animais/peq_ani/javali.htm).

Então, interroguei se o caçador tinha família. A resposta foi afirmativa, detalhando que a sua esposa era uma figura simpática de rosto redondo, olhos oblíquos e pele morena. Também haviam filhos, mas não informou quantos. Relatou que cada família vivia por si, cabendo ao homem trazer alimento para casa. Sua vida era rústica e havia harmonia no lar. Fazendo uma digressão do assunto principal, notei que seria possível localizar onde se deu esta encarnação de Indaiá. Assim realizei breve pesquisa, tendo como “pistas” o javali (presa mais importante do caçador) e o fato de sua esposa ter olhos oblíquos e pele morena (etnia indígena ou asiática). Notei que o trabalho de Castro (2001) informa que, hoje, há 25 subespécies de javali, distribuídas pela Europa, Norte da África e Ásia, na forma selvagem. A autora explica, também, que este animal só foi introduzido recentemente (início do século XX) na América do Norte. Já Sbalqueiro & Freitas (2009) relatam que a introdução do javali na América do Sul ocorreu, apenas, a partir de 1904. Portanto, o caçador/Indaiá não pertencia a nenhuma etnia indígena da América, pois, na época de sua encarnação (seu estilo de vida correspondia a uma vivência um tanto primitiva), os javalis não habitavam o continente americano. Assim, pela aparência relatada para a esposa do caçador, foi possível concluir que aquela vida ocorrera na Ásia. Talvez o caçador/Indaiá tenha pertencido a alguma tribo localizada no centro ou nordeste da Ásia, onde as condições climáticas corresponderiam ao relatado no início da regressão.

Retornando à regressão, em seguida voltamos ao quadro do acidente na montanha gelada. Ocorreu o desencarne, mas o sofrimento continuou no Plano Imaterial. O caçador, livre do corpo, permaneceu se queixando do frio. Ficou patente uma confusão mental por longo tempo, após o desenlace. Depois que eu solicitei a um avanço no tempo, a “paciente” comunicou que a sensação de frio se reduzira, bem como a dor de cabeça, até sumirem. Pedi uma nova progressão no tempo, até o momento em que o caçador tivesse obtido uma compreensão ampla de sua situação. A seguir, relatou que não conseguia ver, mas ouvia uma voz que lhe explicava as coisas, porém seu entendimento era apenas parcial. Às vezes voltava uma preocupação, em avisar a sua família sobre a sua morte. Em determinada oportunidade, a “voz” lhe esclareceu que a sua família já estava ciente de seu desencarne. Entretanto, o caçador ainda demonstrava flutuar em seu grau de discernimento. Pensei até que ele poderia passar por um processo reencarnatório “compulsório”, já que detinha pouca lucidez sobre o ciclo vida/morte. Assim, já pensava em trazer a “paciente” de volta ao estado de vigília. Percebendo nela também algum cansaço, realizei este procedimento. A sessão durou 40 minutos.

### **3.5.5.1. Quinta sessão de elaboração**

No dia da elaboração, logo no início, Indaiá comentou que entendera que a sua vida como caçador fora em tempo muito antigo. Ela afirmou que, quando criança nesta vida atual, detestava visitar parentes na Serra do Caparaó (Estado do Espírito Santo), pois o frio da região a incomodava muito. Ela disse que insistia com a mãe para não ir, mas sempre era induzida a acompanhá-la. Nessas ocasiões, Indaiá disse que recordava sentir muita dor nos ossos. Além do que foi relatado, a “paciente” fez uma associação da morte do caçador com suas reações alérgicas atuais, quando há mudança brusca de temperatura.

Durante uma sessão de elaboração na Psicoterapia Reencarnacionista, o terapeuta não deve interferir diretamente naquilo que o “paciente” está relacionando, ou seja, deve permitir que o “paciente” tenha seus próprios *insights*. Por isso, não aponte algo que percebi, e que talvez tenha bom fundamento, preferindo aguardar regressões e elaborações futuras, de forma a permitir que Indaiá note se o que pensei é realmente importante para ela. Minha hipótese é que, sendo de fato esta vida de Indaiá muito antiga, como ela afirmou, pode ser que o momento em que o caçador estava estirado na neve, com ossos quebrados e sentindo forte dor de cabeça, tenha esta situação ficado registrada em seu inconsciente de forma significativa, atuando ainda hoje, na sua vida atual, da seguinte forma: cada vez que ela está num momento em que se sinta impotente para resolver um problema (como o caçador), ela acaba por ter forte dor de cabeça. Isto é, no seu inconsciente está a memória de que estava com braços quebrados e pernas dormentes (impotência), ao mesmo tempo em que sua cabeça doía bastante. Assim, hoje, numa situação de aparente impotência para resolver algo, surge a forte dor de cabeça.

### **3.5.6. Sexta sessão de regressão terapêutica**

Poucos minutos após o início da sessão, durante o relaxamento, Indaiá começou a falar de informações que surgiam com clareza em sua mente. Para surpresa minha e dela mesma, o mentor estava trazendo esclarecimentos adicionais sobre a terceira regressão que ela realizara, poucas semanas atrás, quando descobrira que fora um fazendeiro do período brasileiro chamado “Ciclo do Café”. O seu guia estava lhe revelando a identidade dos personagens de outrora, com relação a sua vida atual. A princípio fiquei preocupado, pois na Psicoterapia Reencarnacionista preconiza-se respeito à chamada “Lei do Esquecimento”, não devendo-se estimular os “pacientes” ao reconhecimento de parentes e amigos de agora, relacionando-os a vivências anteriores. No

entanto, no momento em seguida, veio-me à mente que o mentor estava no comando e que este reconhecimento deveria ser útil terapêuticamente à Indaiá, por algum motivo. Resolvi aguardar o relato e confiar.

A primeira informação de reconhecimento que a “paciente” compreendeu, foi que o seu ex-marido atual fora o pretendente de sua filha, na vida em que Indaiá fora fazendeiro. Ou seja, naquela vida a “paciente” (fazendeiro) mandara matar o pretendente, que nesta vida retornou como seu próprio marido por mais de 20 anos, até o divórcio. Em seguida, Indaiá entendeu que o seu “braço direito” na fazenda (um dos escravos negros) é, atualmente, seu ex-sogro. Isto significa que o escravo que matou o pretendente da filha do fazendeiro (Indaiá) a seu mando, retornou como pai daquele a quem assassinou. Na sequência, a “paciente” pôde reconhecer que a sua filha de outrora é a mesma filha de agora. Também discerniu que a mãe de seu ex-marido, desta vida, era uma escrava que trabalhava na cozinha de sua fazenda de café, naquele século (XIX). Finalizando os reconhecimentos, foi permitido que Indaiá notasse que a irmã atual de seu ex-marido, naquela época, era esposa do fazendeiro (Indaiá). E foi a partir deste último reconhecimento, que o mentor passou a mostrar outras nuances da vivência do fazendeiro.

Indaiá, então, percebeu que aquela esposa que compartilhara, com ele, aquela fase dramática de sua vida de latifundiário, na realidade era a sua segunda esposa. Anteriormente, o fazendeiro tivera um casamento com vários filhos, acabando por se tornar viúvo. Conseguiu recordar que os seus vários filhos do primeiro casamento, tinham se tornado adultos e constituído suas próprias famílias, afastando-se dele.

A seguir, a “paciente” passou a vivenciar a fase pós-desencarne do fazendeiro. Notou que, depois do reencontro no Mundo Espiritual com o homem a quem mandara matar, quando acabou recebendo o seu perdão, resolveu retornar e permanecer junto aos seus familiares na sua antiga fazenda. Assim, descobriu que sua esposa (atual ex-cunhada) procurara os recursos da magia negra, para acelerar o seu processo de desencarne. Ela desejava usufruir de seus vastos bens, já que era bem mais nova que o fazendeiro. A “paciente”, então, reviveu seus esforços em interferir nos acontecimentos terrenos de sua família, sem sucesso. Com isso, ficaram mais evidentes para o fazendeiro os erros que cometera, enquanto ocupara o corpo físico. A antiga esposa, agora, passava a ter uma vida desregrada, passando a promover muitas festas na fazenda. Ao mesmo tempo, ela passou a tratar os escravos com excesso de severidade, o que fazendeiro, enquanto encarnado, não praticava. A preocupação maior da “paciente” (fazendeiro) era proteger a jovem filha que ficara na Terra, porém não encontrava êxito. Depois de vários anos, Indaiá relatou que foi caindo em

completo esgotamento, entrando em sonolência profunda. Só assim, o fazendeiro foi resgatado por entidades protetoras, indo parar num lugar agradável do Astral.

Após um tempo de recuperação, o fazendeiro passou a trabalhar intensamente no Plano Espiritual, ajudando a espíritos sofredores com erros semelhantes aos dele. Conforme o relato da “paciente”, este período foi bastante longo, já que havia pedido para permanecer ao máximo naquele tipo de tarefa. Ainda acrescentou que o fazendeiro “era um trabalhador triste” (suas próprias palavras). Por fim, apresentou a informação de que aquela havia sido a sua última encarnação antes da atual. Esta sessão teve a duração de apenas 30 minutos, mas foi rica em detalhes.

Fazendo um pequeno parêntesis, calculei que se ela nasceu realmente em 1812 (conforme relatado na 3ª sessão de regressão), e tendo vivido até cerca de 67 anos de idade (de acordo com a fisionomia que ela pôde vislumbrar durante a regressão), o fazendeiro deve ter desencarnado por volta de 1879. Conforme a data de nascimento da “paciente” na vida atual, seu espírito teria ficado fora da matéria em torno de 80 anos (parte desses anos foi acompanhando a família que ficara na Terra e outra parte atuando como tarefeiro espiritual). Destaco ainda, embora isto não tenha correspondência com questões terapêuticas, que houve coerência entre o intervalo de vida estimado para o fazendeiro, com o período chamado “Ciclo do Café”, conforme informação obtida junto à Associação Brasileira da Indústria do Café – ABIC (2009), no endereço eletrônico [http://www.abic.com.br/scafe\\_historia.html](http://www.abic.com.br/scafe_historia.html).

### **3.5.6.1. Sexta sessão de elaboração**

Alguns dias após a sexta regressão, a sessão de elaboração ocorreu. Indaiá disse ter uma nova percepção do que foi a sua relação com o ex-marido desta vida e porque viveu com ele, sempre em grande proximidade com a ex-cunhada e seus ex-sogro e ex-sogra. Disse notar que boa parte das mágoas, com relação ao ex-marido, perderam força. Assinalou que compreendeu porque o seu ex-sogro, sempre que podia, a defendia durante as controvérsias domésticas. Entendeu que, sendo ele seu antigo “braço direito” na fazenda de outrora, já havia uma relação de confiança mútua e amizade. Com relação à filha atual, que é o mesmo espírito que animou a sua filha no tempo do Ciclo do Café, compreendeu porque hoje reprimia tanto a jovem. Anteriormente acompanhara os desregramentos de sua filha, devido à má orientação da mãe, enquanto permanecia como desencarnado na fazenda. Assim, concluiu que deveria dar mais espaço e oportunidades de passeio e diversão para a filha atualmente, pois nesta vida ela tinha sido educada em padrões bem melhores do que antes. Sobre a ex-cunhada (que era esposa do fazendeiro/Indaiá), a “paciente” reformulou

radicalmente seus sentimentos, pois antes tinha mágoa e raiva dela, passando a ter pena. Esta mudança de sentimentos, segundo Indaiá, foi porque sabe que a ex-cunhada já está gravemente doente e ainda continua com os mesmos erros do passado, ou seja, está praticamente jogando fora a encarnação atual. A ex-cunhada está com o mesmo tipo de arrogância do passado, ainda recorreu à magia negra para obter vantagens nesta vida e não é amada por quase ninguém. Um fato curioso, destacado por Indaiá, é que a sua filha de agora, que também era sua filha no tempo do Ciclo do Café, hoje é sobrinha da ex-cunhada da “paciente”, mas, quando criança, chamava à tia atual de mãe. Por diversas vezes, Indaiá tinha que explicar a sua filha, que a mãe era ela e não a tia, mas a criança retrucava, apenas dizendo “mãe Dica” (“Dica” era o apelido da tia). Conforme o tempo foi passando, a menina deixou de chamar a tia de mãe. Isto, possivelmente, corresponde a uma memória infantil espontânea de vidas passadas, como relatado por Stevenson (1971), Muller (1978) e Bowman (1997 e 2005).

Assim, entendi porque o mentor resolveu promover o reconhecimento de personagens de uma vida anterior, com relação ao tempo presente. Ele, por conhecer profundamente a sua “pupila”, sabia que provocaria efeitos benéficos e terapêuticos sobre ela, naquela circunstância. No entanto, continuo respeitando os preceitos da Psicoterapia Reencarnacionista, não estimulando o reconhecimento de personalidades antigas. Compreendi que este foi um caso específico e, dentre as diversas regressões da “paciente”, o mentor somente desejou promover o reconhecimento nesta oportunidade.

### **3.5.7. Sétima sessão de regressão terapêutica**

Depois de cerca de 15 minutos de início da sessão, Indaiá afirmou estar vendo uma sequência confusa de cenas, podendo distinguir um navio negreiro, igrejas e pessoas sofrendo. Notei que as sensações e imagens que lhe chegavam, tornaram-na um pouco agitada, pois seu semblante ficara tenso e seus membros se mexiam com certa frequência. A “paciente”, pelos sinais que apresentava, parecia não querer continuar com o processo regressivo, o que confirmei após a sessão. Então, tentando fazê-la fixar-se em algo, de modo a surgir uma história lógica, perguntei-lhe se estava no navio negreiro. Após instantes, ela informou que estava percebendo que sim. Indaguei se era do sexo masculino ou feminino e a “paciente” esclareceu que era homem. A partir deste momento, Indaiá mergulhou mais fundo naquela personalidade, reassumindo seus sentimentos de forma mais intensa.



Então, narrou que estava com uma extrema revolta, pois era um líder e estava sendo levado junto com seus irmãos, a ferros, para o navio. Indaiá era um chefe tribal africano e não aceitava aquela situação de maneira nenhuma, tendo que ser contido por muitas chicotadas e outros tipos de agressão. A seguir explicou que, enfim, fora levado arrastado para o barco, embora ainda se debatesse. Uma vez na embarcação, puseram uma espécie de argola de ferro no seu pescoço, para limitar mais seus movimentos. A “paciente” realçou que era um negro muito alto e forte, e que seu pescoço era bastante grosso. Talvez por isso, a argola estava apertando muito seu pescoço, mas nem assim o negro deixou de continuar se debatendo. Assim, declarou que o pescoço inchou, tornando a pressão ainda maior. Indaiá informou que, como já estava dentro do barco, naquela situação humilhante e de revolta, preferia morrer do que se submeter, não aceitando comida, nem água. Desta maneira, terminou por falecer.

Em seguida ao desencarne, afirmou que sentiu alívio, acrescentando que qualquer coisa era melhor do que ser escravo. Relatou que fora recebido num lugar, onde só havia negros de cabelos brancos. Visivelmente se emocionou, ao rever a cena em que a sua bisavó o amparara no Astral. Indaiá recordou que a entidade lhe explicara que a rebeldia não compensava. Em termos gerais, a “paciente” colocou que se sentia bem no local, mas logo soube que o seu retorno ao Plano Terreno (reencarne) seria rápido. Algum tempo depois, recebeu a instrução de que teria uma nova chance de liderar e cuidar de seu povo. No entanto, seria um homem branco e dono de terras no Brasil. A partir dessa informação, Indaiá mostrou muita aflição, pois entendera que isto seria um teste muito grande para o seu espírito. Temia falhar, mas não havia outra alternativa.

A seguir, Indaiá disse que agora compreendia porque vira anteriormente (no início da sessão) imagens de igrejas. Entendeu que as igrejas estavam relacionadas com a vida seguinte do negro, que retornaria como um brasileiro latifundiário e branco. Começou a lembrar que este fazendeiro se tornara importante líder político regional, interferindo até mesmo junto aos padres e suas paróquias. Notou, rapidamente, que falhara na sua missão com relação aos escravos negros que recebera, tornando-se duro e autoritário. Neste momento da regressão, a “paciente” se queixou de cansaço. Como já havia bastante material para a elaboração, procedeu-se ao encerramento da sessão, que durou 35 minutos.

#### **3.5.7.1. Sétima sessão de elaboração**

Alguns dias depois, me reuni com a “paciente” para a devida sessão de elaboração. Ela afirmou que entendera o seu renascimento como fazendeiro escravagista, após a vida de africano,

como um teste para o seu espírito. Percebeu que falhara como dono de terras no Brasil, já que não dera um tratamento brando aos escravos, e, além disso, exercera o poder de forma excessivamente autoritária na sua comunidade. Assim, concluiu que a revolta que tivera, quando era o africano que foi feito escravo, vindo a provocar o próprio desencarne por se recusar a se alimentar, era devida fundamentalmente ao seu orgulho. Sua vontade de defender seus irmãos de tribo não era tão grande quanto o sentimento de humilhação e perda de poder, pois, se assim fosse, teria tido mais compaixão dos escravos sob a sua tutela, na vida seguinte.

Considerando as queixas de Indaiá, relatadas na primeira consulta, meses atrás, ficou claro que o seu caráter de rigidez foi evidenciado em ambas as vidas apresentadas nesta regressão terapêutica. A “paciente” observou isso, assinalando que deveria se dedicar a abrandar mais este aspecto, embora já note que, hoje, é mais flexível do que outrora. Indaiá, por fim, fez uma correlação entre o seu problema respiratório atual e a asfixia devida à argola no pescoço do escravo, que foi um dos fatores que contribuiu para a sua morte naquela vida.

### **3.5.8. Oitava sessão de regressão terapêutica**

Nesta sessão, a “paciente” começou a relatar uma vivência passada, após menos de 10 minutos do início do relaxamento. Parecia-me que Indaiá, após ter realizado diversas regressões terapêuticas, já apresentava uma facilidade em relaxar e captar imagens e sensações variadas, auxiliada pelo seu mentor.

Sua história, mais uma vez, era relacionada a uma vida indígena. Ela afirmou que era uma mulher, possuindo vários filhos. Narrou que houve um incêndio na sua aldeia e também na sua moradia (uma oca de palha), à noite. No entanto, disse que acordara a tempo de salvar a si e a seus filhos. Acrescentou que achara estranho não ter visto o seu marido durante o incêndio, ou seja, ela teve que agir solitariamente para retirar os filhos do perigo. Informou, em seguida, que após algum tempo de transcorrido o incidente na aldeia, a vida voltara ao normal, sem maiores sobressaltos. Ela assinalou que esses eventos de tensão não pareciam ser muito raros, pois estava compreendendo que havia conflitos, entre tribos diferentes, de vez em quando.

Entretanto, mais à frente, Indaiá apontou uma nova ocorrência de fogo na aldeia. Desta feita, a sua oca fora atingida novamente, porém um de seus filhos não pôde ser salvo. A “paciente” assinalou que, nesta oportunidade, o seu marido também estava ausente no momento do incêndio, bem como não aparecera enquanto ela gritava por socorro. Por isso, a índia passou a desconfiar de seu próprio companheiro. Quando ele ressurgiu, perguntou-lhe se pusera fogo na aldeia. Indaiá,

então, narrou que ele respondera negativamente, com um sorriso estranho no rosto (a “paciente” destacou que ele tinha um jeito meio sádico). A partir disso, explicou que passou a ter uma certeza íntima, de que o seu marido era o responsável pelos incêndios recentes. Contudo, não tinha como acusá-lo, pois era o melhor caçador da tribo, sendo muito respeitado por todos, inclusive pelo chefe da comunidade, que era um homem mais velho.

A “paciente” colocou que passou a viver com medo, acreditando que acabaria por morrer queimada. A seguir, depois de um curto intervalo de tempo, foi possível notar que ela já revivia o momento em que, de fato, desencarnou num novo incêndio. O incidente com fogo se repetia em sua oca. Indaiá demonstrou, por alguns momentos, que sofria com a experiência traumática. Apresentou uma certa agitação corporal e manteve seus dedos esticados e trêmulos, refletindo a sensação de queimadura de outrora. A seguir, informou que sentia um alívio (já havia desencarnado). Nesta oportunidade, tanto ela como seus filhos (seis) vieram a perecer. Contudo, constatou-se que Indaiá perdeu o contato com os filhos no pós-morte, porque ela ficara próxima ao marido, acompanhando os seus passos na Terra.

A índia desencarnada desejava entender porque seu antigo companheiro fizera aquilo. Ela estava mais perplexa do que com raiva. Então, passou a explicar que deitava próximo ao índio todas as noites. Durante o dia, seguia-o constantemente. Não muito tempo depois, observou que seu antigo marido desposou uma índia mais nova. Esta logo teve um filho dele. Indaiá assinalou que o ex-marido gostava bastante da mulher atual e da criança, concluindo que havia sido morta, junto com os seus filhos, para que ele pudesse construir outra família mais do seu agrado. Assim, a “paciente” informou que passou a ter muito ódio, tentando perturbar a nova esposa e seu filho, de forma a atingir o antigo companheiro. Depois de um tempo, notou que conseguia provocar mal estar e doenças naquelas duas pessoas. Mais à frente, relatou que de tempos em tempos o pajé fazia rituais para afastamento de maus espíritos. Informou que aquelas cerimônias surtiam um efeito temporário sobre ela, que agia como obsessão, permanecendo à distância por um período que não era longo. Depois, Indaiá também se viu obsidiando, de forma direta, o ex-companheiro. Entendeu, então, que revezava o assédio entre ele, a atual mulher e o filho. Isto perdurou até que o ex-marido se tornasse velho, quando fora elevado ao cargo de chefe da tribo.

No entanto, houve algo que a “paciente” não pôde distinguir, mas que libertou-a daquela situação nociva. Ela se afastou do lugar e sentiu-se melhor, livre daquilo tudo. Como ela afirmou estar sentindo-se bem, mas dando impressão de que estava um pouco cansada, procedi ao encerramento da regressão terapêutica. A sessão durara apenas 40 minutos, mas fora bastante intensa emocionalmente.

### **3.5.8.1. Oitava sessão de elaboração**

Dias mais tarde, estive junto à Indaiá para a elaboração da sessão de regressão anterior. A “paciente” afirmou que aquela vida como índia teria sido bem antiga e, provavelmente, em sequência imediata à vida relatada na 4ª sessão de regressão terapêutica (quando ela foi um índio incendiário). Ela compreendeu que ocorrera um resgate cármico, já que, anteriormente, vivia atirando fogo em diversas aldeias. Destacou que embora tenha morrido queimada, hoje não possui nenhum medo anormal em relação à acidentes com fogo, parecendo-lhe que assimilou bem a experiência vivida outrora. No entanto, Indaiá assinalou que talvez a morte sob fogo, e, sobretudo, sob fumaça, talvez tenha uma correlação com o problema alérgico/respiratório que hoje apresenta.

### **3.5.9. Nona sessão de regressão terapêutica**

A partir dessa sessão, passei a gravar as regressões terapêuticas. Assim, será possível notar que elas apresentam uma maior riqueza de detalhes.

Nesta nona sessão, como na anterior, a “paciente” começou a sua narrativa com menos de 10 minutos de relaxamento. Inicialmente, ela declarou ver uma mata fechada e, em seguida, dois índios levando uma caça amarrada numa vara longa (parecia-lhe um macaco). Os índios carregavam a presa, cada um em uma ponta da vara, dispostos em fila indiana. Depois de vários minutos de silêncio, perguntei à Indaiá se estava vendo ou sentindo alguma coisa a mais. Ela respondeu que nada percebia. Transcorrendo mais cerca de dois minutos, a “paciente” apresentou sintomas de desconforto, suspirando e mantendo uma respiração irregular. A seguir, interroguei sobre a cena que narrara no início da sessão. Ela, então, disse: “- a caça sou eu!” Em seguida, passou a descrever como estava amarrado (os mãos e pés na vara), se referindo a si no gênero masculino e revelando que era também um índio.

Logo depois, informou que via a cena do alto. Questionei se havia morrido, ou seja, se estava liberto do corpo. Indaiá explicou que havia levado uma pancada na cabeça e que, agora, observava tudo do alto. Relatou que a aldeia estava feliz e queixou-se da dor que sentia na cabeça. Perguntei se sentia raiva da ocorrência, mas ela disse que não tinha um sentimento definido (entendi que o índio estava atônito com o desfecho de sua vida). A seguir, a “paciente” reclamou novamente que a cabeça doía, acrescentando que não queria ver aquilo (o “banquete”). Desta maneira, solicitei ao mentor que, se fosse possível e útil à Indaiá, que se avançasse mais no tempo. No entanto, a “paciente” passou a demonstrar asco e desagrado, revelando que assistia ao canibalismo em curso,

observando o que fora a sua carne, sendo devorada. Interroguei se já havia caçado outros seres humanos e a resposta foi negativa, isto é, a sua tribo não praticava o canibalismo. Perguntei-lhe se havia revolta no seu coração, mas a resposta do “índio” foi que aquilo era “a lei do mais forte”. A seguir, complementou: “- me pegaram e me comeram!”

Somente em seguida, a “paciente”/índio começou a demonstrar uma contrariedade mais clara com relação a sua sorte naquela existência. Narrou que aquilo era uma festa, um banquete com música e dança, acrescentando: “- como é triste ver isso! Sofrimento! Sofrimento!” (estava finalmente saindo do torpor provocado pela morte violenta). Então, disse à Indaiá que deixasse isso para trás, e fosse até o momento de libertação de toda aquela dor. Depois de um curto período, ela informou que ouvia uma voz lhe chamando. Afirmou que não enxergava quem era, pois estava num lugar escuro. Insisti para que fosse mais à frente no tempo. Após instantes, ela suspirou profundamente e relatou que já se sentia melhor. Passou, então, a captar algo como um nome, adicionando que compreendera ter sido um guerreiro de uma nação indígena brasileira. A seguir, a “paciente”/índio ficou visivelmente incomodado ao dar conta de que esquecera seu próprio nome. Argumentei que isso não era fundamental naquele momento, mas retrucou que queria saber o seu próprio nome. Assim, solicitei ao mentor que se essa questão fosse relevante, que pudesse ser esclarecida. Enquanto isso, Indaiá continuava a reclamar que queria lembrar o seu próprio nome e, a seguir, indagou: “- quem sou eu?” Respondi-lhe que o mais importante era ter ciência de que estava livre da matéria, e deixando para trás os sofrimentos. Aproveitei o ensejo, e induzi a um novo avanço no tempo, até um momento de maior entendimento de toda a situação. Depois de poucos minutos, a “paciente” disse que estava melhor, e percebendo que existia um mentor, mas que não discernia bem a sua aparência. Ele lhe falava que a sua missão fora cumprida, acrescentando que renasceria novamente como um guerreiro brasileiro. Em seguida, Indaiá narrou que estava sendo levada para um local, onde lhe diziam que se sentiria melhor. Assinalou, então, que a cabeça não doía mais, descrevendo também que estava sendo submetida a alguma espécie de energia, pois ondas de calor atravessavam o seu ser (algum tipo de “limpeza espiritual” ocorreu). Na sequência, a “paciente” recordou que pedira para renascer na tribo que lhe comera o corpo físico. Reivindicava, com certa insistência, que teria esse direito. Perguntei-lhe que orientação lhe deram, com relação a esta intenção. Ela informou que disseram que deveria se libertar deste sentimento. Coloquei, em seguida, que seria interessante irmos mais à frente, de forma a compreendermos a questão de seu novo reencarne. Após instantes em silêncio, Indaiá ainda manifestou-se com uma forte vontade de renascer em meio à tribo indígena canibal. Afirmou que queria reencarnar como membro daquela comunidade, para acabar com aquele hábito de se comer carne humana. Logo na sequência, suspirou

várias vezes profundamente e repetiu, por sete vezes, a seguinte frase: “- eu não aceito!” Após um intervalo em silêncio, Indaiá voltou a falar, explicando que não seria possível que a sua vontade fosse atendida. Com angústia e tristeza indagou por três vezes: “- o que eu faço?” Depois de breve período, interrogou, com voz embargada pelo choro, por duas vezes: “- por que eu não posso?” Então, solicitei que fôssemos para o momento de definição deste impasse. Após um curto prazo, a “paciente” liberou um longo suspiro, passando a falar com voz mais branda e conformada. Assinalou que lhe informaram que, como guerreiro brasileiro novamente, teria oportunidade de ser mais útil. Em seguida, salientou que estavam lhe ajudando a esquecer a dor e a humilhação que sentira. Perguntei de que forma era esta ajuda. Ela explicou que onde vivia, tinha a tarefa de receber e ajudar aos índios recém-desencarnados (compreendi que a “terapia” de melhoria, de seu estado emocional, era o trabalho que lhe ofereceram). Acrescentou que, na localidade que habitava, haviam índios de diversas tribos diferentes. Indaguei se ali estavam também os índios canibais. Ela esclareceu que eles não ficavam naquele lugar. A “paciente”, pela forma como respondeu a minha pergunta, demonstrava ainda ter um pouco de mágoa daqueles que lhe devoraram outrora. Assim, coloquei que seria importante que ela fosse até o momento em que havia deixado para trás os ressentimentos (se isto ocorreu de fato). Indaiá, depois de breve período, relatou que estava num lugar com muito verde, muitas águas e também campinas. Interroguei se estava se sentindo bem neste local, recebendo a resposta de que se sentia muito bem. Desta maneira, iniciei os procedimentos para encerrar a sessão. Ao finalizar os procedimentos, a “paciente”, ainda apresentando sinais de que permanecia em algum nível de estado alterado de consciência, comentou que ficara em sua mente a expressão: “- Potiguara, Potiguara guerreiro!” (segundo ela, renasceria entre os Potiguaras). A sessão teve a duração de 54 minutos.

### **3.5.9.1. Nona sessão de elaboração**

Dias depois, foi realizada a elaboração da sessão de regressão anterior. Indaiá relacionou a forma como desencarnou (pancada na cabeça), com a cefaleia que vinha apresentando comumente, após algum tipo de aborrecimento. Observou também que o seu caráter atual, de certa rigidez/inflexibilidade, correspondia à “teima” que ela demonstrou como índio desencarnado, ao insistir por período relativamente longo, em reencarnar na tribo canibal. Desta maneira, salientei que ela deveria aproveitar a sua própria autoanálise para buscar um processo de ressignificação, visando a compreender que não havia necessidade de somatizar problemas na forma de dores de

cabeça. Aponte também, que seria importante buscar caminhos para uma vida mais flexível e feliz, desapegando-se de tudo aquilo que não estivesse, em suas mãos, o poder de resolver.

Após o fim desta sessão de elaboração, recordei a hipótese que construí (logo depois da quinta sessão de regressão, semanas atrás) sobre a origem da associação inconsciente de Indaiá, que produz uma cefaleia a cada vez que surgem problemas e não há como resolvê-los facilmente. Relembrando a quinta Regressão Terapêutica dela, foi a que recordou uma vida muito antiga (como ela afirmou na elaboração) em que era um caçador. Naquela oportunidade, o caçador esteve estirado na neve, com ossos quebrados e sentindo forte dor de cabeça até a morte, tendo esta situação sido registrada em seu inconsciente de forma significativa, atuando ainda hoje, na sua vida atual (quando há impotência para resolver um problema, surge a forte dor de cabeça). Isso se repetiu, claramente, na narrativa da história do índio que foi canibalizado por outra tribo, pois estava amarrado (impotente para se livrar do problema) quando levou a pancada fatal na cabeça. Então surge uma dúvida, que não tem relação direta com o processo terapêutico em si, sendo apenas uma curiosidade: qual das duas vidas (se é que foi uma dessas) originou o trauma que provoca a cefaleia em Indaiá? Para responder a esta pergunta, mesmo que parcialmente, realizei uma breve pesquisa. Constatei que os Potiguaras, tribo onde Indaiá reencarnou, em seguida à vida em que fora um índio devorado por tribo inimiga, também tinham o hábito da antropofagia. Portanto, como a “paciente” foi induzida a não reencarnar entre a tribo que a devorou, bem como logicamente deveria se afastar de qualquer ambiente de canibalismo, sua reencarnação só poderia ter acontecido entre os Potiguaras, quando estes já tivessem deixado de praticar a antropofagia. Com isto em mente, foi possível descobrir que a sua nova encarnação ocorreu a partir de 1599, pois foi quando os Potiguaras firmaram um tratado de paz com os portugueses, de quem eram inimigos ferrenhos, passando a ser catequizados (Silva, 2004) e a não aceitar mais o canibalismo. Portanto a reencarnação de Indaiá em meio a esta tribo, provavelmente ocorreu depois de 1600, o que compreendo não ser uma vida mais antiga do que aquela do caçador, relatada na quinta sessão de regressão. A vida do caçador, segundo declaração anterior da própria “paciente”, fora algo muito antigo, o que pode ser verdade, até porque o nível consciencial deste personagem, constatado durante a regressão, sobretudo após o desencarne, era claramente pequeno, dando-nos a entender que seria forte candidato a uma reencarnação compulsória (isto ocorre quando o espírito não tem um nível de discernimento mínimo, para planejar/opinar sobre a sua próxima vida terrena).

Assinalo também, que a narrativa de Indaiá (durante a regressão) foi coerente com dados históricos sobre a antropofagia praticada pelos índios brasileiros. Para exemplificar isto, saliento que o tipo de morte que a “paciente” relatou (pancada na cabeça), era a forma mais comum

praticada pelas tribos de língua Tupi, aos seus inimigos de outras tribos (Cunha, 1990). Além disso, a festa declarada por Indaiá, durante o banquete que faziam com a carne de seu corpo, foi semelhante ao que foi documentado por Staden (1974), que foi prisioneiro dos Tupinambás. A narrativa original de H. Staden data de 1557 e, recentemente, transformou-se em filme de relativo sucesso, mas que, até o momento, é de total desconhecimento da “paciente”, que também afirmou não ter ciência de como viviam os índios brasileiros, tanto no período anterior como posterior à colonização portuguesa.

Por fim, ressalto que as rápidas investigações que realizei nada têm a ver com a metodologia da Psicoterapia Reencarnacionista, mas foi apenas uma tentativa de esclarecer curiosidades que julgo sadias.

### **3.5.10. Décima sessão de regressão terapêutica**

Com menos de 10 minutos de relaxamento, a “paciente” iniciou a sua narrativa. Informou que estava atrás de um tronco enorme. Era o tronco de uma jaqueira e acrescentou que estava ali escondida. Interoguei o porquê de estar escondida. Ela respondeu que lá era um caminho onde passavam muitas prostitutas e sabia que o seu marido frequentava aquele lugar. Então, solicitei um maior esclarecimento da situação e Indaiá comentou: “- hoje eu pego ele!” A seguir, ela explicou que a localidade era chamada de “Jaqueira” e que ali entravam pessoas que qualquer um poderia duvidar. Na sequência, ela assinalou: “- incrível! Incrível! Como passam políticos, religiosos, ...” Aproveitei a oportunidade, e indaguei se o seu marido já havia aparecido, recebendo resposta negativa. Logo depois a “paciente”, surpreendentemente, me fez uma pergunta: “- você sabe porque eu estou aqui?” Ao dizer à Indaiá que eu não sabia exatamente o motivo, ela esclareceu que estava doente, e que a sua doença viera dali. A voz da “paciente” denotava cansaço e, ao mesmo tempo, rancor profundo. Parecia ter reassumido sua personalidade anterior. Solicitei, então, que fosse mais à frente, de maneira a entendermos o desfecho de sua espera. Ela relatou que já estava ali há dois dias, explicando que o seu marido havia sumido já fazia tempo, desde que vira a sua situação (entendi que ela adquirira uma doença venérea). Afirmou, em tom de certeza, que era naquele lugar que iria reencontrá-lo. Então, queixou-se que já não conseguia andar direito e disse: “- eu estou podre em vida!” Em seguida, passou a falar, repetidamente, que odiava elas (as prostitutas) e que odiava ele (o marido). Logo após, comunicou que se sentia muito fraca e que precisava se alimentar. Depois de breve silêncio, informou que finalmente o seu marido aparecera. Salientou que ele não vinha de fora para ir ao prostíbulo, mas que provinha de dentro dele. Demonstrou revolta



por compreender que ele fazia, do prostíbulo, a sua morada. Por diversas vezes chamou o homem de desgraçado. Então, perguntei à Indaiá se conseguira falar com ele, mas ela estava profundamente envolvida com suas memórias e sentimentos. Agora, a “paciente” dizia: “- olha como eu estou! Olha como eu estou! Eu vou matar ele!” Após praguejar um pouco mais, demonstrando estar transtornada, interfeiri, solicitando que fosse mais à frente, à busca de esclarecimentos maiores. Indaiá permaneceu bastante ofegante e ainda demonstrando ódio por um tempo, até que disse: “- mas eu não posso!” (referia-se a sua impotência em atingir ao marido). Assim, coloquei que o seu corpo provavelmente não lhe respondia mais (havia indícios de que ela havia desencarnado).

A seguir, a “paciente” passou a chorar e a se lamentar. Perguntou, por duas vezes, porque ele estava tão bem, enquanto ela estava em estado lastimável. Interoguei se ela ainda permanecia próxima à jaqueira e se conseguia se locomover, mas ela continuava indagando porque ele estava com saúde, enquanto ela estava péssima. Desta forma, solicitei novamente um avanço no tempo, para que esclarecimentos importantes pudessem ocorrer. Então, houve um intervalo significativo, dela, em silêncio, mesmo eu lhe fazendo perguntas no período. Num dado instante, após eu indagar se alguém a ajudava, ela respondeu que só ouvia vozes (não via ninguém). Em seguida, Indaiá queixou-se de estar em dificuldade, o que me incitou a dizer que seria relevante irmos até o momento em que estaria melhor e de posse plena de seus sentidos. A “paciente” dava sinais claros de sofrimento (ânsia de vômito, calafrios e outras sensações desagradáveis), como se estivesse passando por uma espécie de expurgo. Parecia-me que ela havia desencarnado e que permanecia em áreas densas do Mundo Extrafísico (o chamado Umbral). Assim, mais uma vez, tentei induzir a um progresso no tempo, até o ponto em que estivesse melhor e com um entendimento mais nítido de tudo. Aqui faço um parêntesis no relato dessa regressão, para esclarecer que, mesmo que o psicoterapeuta reencarnacionista creia que seja importante que o “paciente” saia de um sofrimento, em determinado momento, nem sempre o mentor (do “paciente”) atende à solicitação de imediato. Às vezes, é importante revivenciar um pouco mais certas dificuldades, para que haja um efeito terapêutico mais profundo (compreensão/conscientização das próprias fraquezas, com posterior resignificação). Retornando à regressão, após alguns instantes, Indaiá deu um longo suspiro e afirmou que se sentia melhor. Interoguei se percebia onde estava. Ela respondeu que ainda não tinha clareza de onde se encontrava. Outra vez, insisti para que avançasse para uma fase de equilíbrio maior, e com posse ampla de seus sentidos. Na sequência, ela suspirou por três vezes e falou: “- graças a Deus! Não sinto mais dor!”

Então, a “paciente” relatou que estava sentada proximamente a uma cachoeira. Em seguida, visivelmente emocionada, informou que alguém acenava para ela. Explicou que esta pessoa

a chamava para entrar na água. Entendera que, ali, limparia algumas mazelas que ainda apresentava. Após entrar na cachoeira, Indaiá começou a chorar, pois tentava se aproximar da entidade (que continuava lhe chamando), mas, a cada passo que dava, o ser se afastava mais, não sendo possível alcançá-lo. Com a voz entrecortada pelo choro, a “paciente” assinalou que ouviu da entidade, a seguinte frase: “- não tenha medo.” A seguir, Indaiá destacou que não conseguia ver-lhe o rosto completo, mas apenas a testa. Ela percebeu que aquele ser apresentava-se na forma masculina. Informou que ele flutuava sobre a água e usava roupas brancas. Ela estava interessada em ver o rosto do espírito, mas não conseguia, ressaltando que ele permanecia dizendo que deveria banhar-se. A “paciente”, então, explicou que já não tinha mais medo de afogar-se. Acrescentou que as feridas estavam desaparecendo, conforme se banhava, salientando que a entidade avisara-lhe para ficar na água, até todas as chagas sumirem.

Mais à frente, revelou que aquele mentor dissera-lhe para sair da água, em determinado momento. Desta forma, indaguei para onde Indaiá iria. Ela respondeu que não sabia e que a entidade apenas dizia para ela caminhar. Pouco depois, a “paciente” falou que estava num lugar, aguardando instruções. Narrou, em seguida, que aparecera uma enfermeira, lhe oferecendo um suco. Descreveu-o como um líquido “meio gelatinoso” e sem gosto. Comentou, na sequência, que a enfermeira informara-lhe que logo dormiria, que iria descansar. A “paciente”, de fato, aquietou-se, como em sonolência profunda. Então, disse a ela que aproveitasse a recordação daquele período de cura. Após um breve tempo, solicitei que se transportasse até o momento do seu despertar daquele sono reparador. Em seguida, Indaiá relatou que via muitas crianças e que sua tarefa era cuidar delas. Perguntei-lhe se esta atividade era do seu agrado. Depois de um intervalo em silêncio, ela começou a chorar. Disse que a tarefa era difícil, pois não gostava das crianças. Interoguei o porquê não gostava delas, recebendo como resposta, que não tinha paciência com elas. Então, incitei a “paciente” a caminhar um pouco mais para o futuro, de maneira a examinarmos se obtivera progressos. Após um lapso de tempo, Indaiá, ainda chorando, explicou que tinha pena das crianças, mas que não tinha paciência suficiente. Assim, afirmei que iríamos mais à frente. Logo, a “paciente” demonstrou estar menos angustiada como o seu trabalho no Mundo Espiritual, dizendo que se acostumara ao serviço. Aproveitei a oportunidade, e indaguei se havia atingido um equilíbrio maior, se havia deixado para trás o que ocorrera na Terra, se havia perdoado. A partir disso, Indaiá se debulhou em lágrimas, confessando que ainda se irritava com as crianças, pois, na verdade, desejava voltar ao Plano Terreno para ver o que havia acontecido ao seu antigo marido (a sua tarefa com os meninos e meninas parecia ser uma atividade orientada pela Espiritualidade, com o intuito de ajudá-la a desconectar-se do ex-companheiro e do Mundo Material). Novamente, pedi que houvesse uma

progressão no tempo, até que se chegasse a um momento de compreensão maior, caso isso tivesse ocorrido antes de sua próxima encarnação. Após um período em silêncio, a “paciente” afirmou que conseguira se desligar do passado. Segundo ela, as crianças já não a incomodavam mais. Então, eu disse para ela ir mais à frente um pouco, para sabermos se houve algum progresso maior. Depois de curto intervalo, Indaiá assinalou que estava bem. O seu trabalho havia se tornado prazeroso e o ambiente era alegre. Em seguida, ela afirmou: “- as crianças gostam de mim. Elas sorriem. Elas me beijam. Eles me amam, diferente do que passei na Terra. É muito bom!” Como a “paciente” demonstrou claro interesse em reviver aqueles momentos de paz, comentei que aproveitasse a oportunidade, e, se fosse útil a ela, que houvesse um novo avanço cronológico nesta sua vivência no Plano Espiritual. No entanto, após instantes, Indaiá salientou que já não lhe era possível vislumbrar mais nada. Assim, realizei os procedimentos necessários ao encerramento da sessão, que ocorreu em 46 minutos.

#### **3.5.10.1. Décima sessão de elaboração**

Nesta sessão de elaboração, Indaiá colocou que entendeu que a tarefa com as crianças, no Mundo Extrafísico, tinha a função de ajudá-la a esquecer o seu passado recente na Terra. A “paciente” compreendeu que a sua insistência em retornar ao Mundo Físico, para rever o antigo marido, é parte de sua característica atual de inflexibilidade (resistência a não mudar pontos de vista).

A “paciente” também fez um paralelo entre a sua vivência fora da matéria, quando teve que cuidar das crianças espirituais, com a sua vida atual, em que também teve que tratar de crianças, em parte do tempo de seu caminho profissional. Constatou que ainda tem, hoje, uma impaciência significativa com crianças.

Ao final, Indaiá correlacionou a sua repulsa atual a prostitutas (e também a pessoas com atividade sexual intensa), com esta vida revelada na 10ª sessão de regressão terapêutica, onde acreditava ter ficado doente devido ao marido visitar prostitutas regularmente.

#### **3.5.11. Sessão de progressão de memória**

No relaxamento, deixou-se “em aberto” a questão do que ocorreria: uma regressão ou uma progressão, conforme a necessidade da “paciente”. Já era possível compreender, àquele momento do tratamento, que Indaiá tivera avanços significativos, talvez necessitando apenas de

uma progressão de memória, para dar um fechamento à psicoterapia. Assim comuniquei, no início da sessão, que o mentor da “paciente” realizasse aquilo de maior premência para a sua “pupila”.

Após alguns instantes de silêncio, Indaiá começou a falar, explicando que se percebia como um líder político de sua localidade, em meados do século XIX (isto correspondia à vida da “paciente” como fazendeiro, na época do Ciclo do Café, o que foi narrado em detalhes nas 3ª e 6ª sessões de regressão). Depois de assinalar, brevemente, que as pessoas usavam “roupas de época” e que notara várias confusões/embates políticos, calou-se. A seguir, informou que conseguira domínio da situação política local, mas, na sequência, relatou que nada mais podia captar. Então, eu disse à Indaiá para manter-se bem relaxada e aguardar novas percepções.

Alguns minutos transcorreram e a “paciente” afirmou que compreendera que tivera três vidas com atuação política. Ela esclareceu: “- estão me dando um resumo! Explorei bastante a inocência do meu povo.” Após um novo intervalo de tempo em silêncio, durante o qual Indaiá apresentou sinais de desconforto, ela concluiu que aquelas vivências políticas não somaram algo de positivo. Em seguida a “paciente”, novamente, declarou que já não podia perceber mais nada. Uma vez mais, eu a orientei a manter-se calma, aguardando novas informações.

Depois de alguns momentos, Indaiá afirmou que recebia orientação de que deveria se integrar mais às pessoas, de uma forma geral, evitando um certo isolamento, com o qual estava acostumada no dia-a-dia. Logo, notei que a “paciente” se apresentava em algum grau de transe mediúnico, pois a expressão de sua face se alterara, bem como o tom de sua voz. O ritmo das palavras que surgiam de sua boca, era constante e firme. A proximidade de seu mentor era evidente. Então, surgiram informações bastante relevantes para Indaiá. Ela, em vidas pretéritas, recebera diversos conhecimentos, mas não passara a diante. Seria importante, a partir de agora, aprender a dar tanto quanto receber, evitando a retenção de aprendizados e experiências só para si. Em seguida, foi acrescentado que, desta forma, ela teria verdadeira paz de espírito.

Aproveitei o ensejo, e indaguei o que Indaiá poderia fazer na vida atual, deste momento para o futuro, no sentido de encontrar a desejada harmonia. A partir deste meu questionamento, ficou mais clara a progressão de memória da “paciente”. Ela, então, logo relatou: “- eu me vejo ensinando muitas crianças.” Interroguei de que forma isto se daria. Explicou que deveria orientar a crianças e jovens, dando uma palavra amiga, doando atenção e carinho, mas, para isso, precisaria desenvolver mais a paciência. Adicionou, em seguida, que se realmente se dedicasse, conseguiria ter êxito nesta atividade, ainda nesta vida. Também afirmou que esta tarefa, não necessariamente ocorreria no âmbito de sua comunidade espiritualista. Assinalou que os jovens que precisava atender/orientar, teriam até cerca de 15 anos de idade, no geral. A seguir, Indaiá se mostrou

emocionada e, ao mesmo tempo, preocupada com a execução do que vislumbrara. Relatou que teve uma visão de muitas crianças necessitadas e, após longo suspiro, compreendeu que a forma como cumpriria aquele objetivo seria bem particular. Não sabia exatamente como agiria, mas entendeu que encontraria uma maneira específica para atuar. Depois desta fase de ação junto aos jovens, ela concluiu: “- aí sim, eu vou estar bem!” Então, a “paciente” disse compreender, que seria bastante possível que as crianças que vislumbrara, fossem, em boa parte, os mesmos espíritos que prejudicara outrora, através de sua má atuação política. A partir desse momento, ela demonstrou emoções mais fortes, pois passou a lembrar mais nitidamente que, no passado, usufruía da inocência e ignorância das pessoas, para obter poder e dinheiro. Assim, ela observou: “- nada é de graça! Um dia você tem que arcar com tudo!” Logo depois, Indaiá informou que o fluxo de informações cessara. No entanto, solicitei que ela permanecesse passiva, para dar oportunidade ao seu guia de trazer mais alguma informação, se necessário fosse.

Após um período de espera, constatamos que não haveriam mais orientações. Desta maneira, procedi ao encerramento da sessão, que durou apenas 25 minutos, mas que apresentou riqueza de conteúdo bastante considerável.

#### **3.5.11.1. Sessão de elaboração da progressão de memória**

Indaiá, assim que chegou para a elaboração, foi logo comentando que estava surpresa com o que captara, e ainda um pouco preocupada com a possibilidade que se descortinou para o futuro, já que tinha pouca paciência com crianças. Então, passou a relatar um sonho que tivera, na noite seguinte à sessão de progressão. Na sua experiência onírica, ela caminhava por uma trilha, pavimentada com pedras, dentro de uma floresta meio escura. À frente ia alguém, um homem. O caminho de pedras era um tanto côncavo e, nas bordas, em alguns pontos, haviam pequenos toletes pintados em azul. O chão da trilha de pedras era pintado de branco. A “paciente” narrou que andou muito, passando por vários obstáculos, mas, ao chegar no final da trilha, deparou-se com um precipício. Ao parar Indaiá raciocinou que, se a pessoa que ia à frente havia sumido, é porque havia conseguido superar aquele despenhadeiro, de alguma forma. Observou adiante com maior cuidado, notando que havia algo para segurar-se (parecia ser um longo véu meio transparente). Então projetou-se, segurando no suporte, vindo a cair suavemente sobre uma concavidade macia, embora parecesse estar revestida por pedras. Ao se levantar, notou que o lugar onde estava, tinha um lago próximo. Resolveu entrar nele e banhar-se. Em seguida, mais à frente de onde estava, após três degraus em subida, dentro do lago, assinalou que se iniciava um batismo, com muitas pessoas.

Alguém, então, se aproximou de Indaiá e entregou-lhe um bebê (menino) todo vestido de branco. Ela acolheu a criança cuidadosamente e pensou em voltar. A seguir, despertou na cama.

A “paciente” desejava que eu lhe ajudasse a interpretar o seu sonho. No entanto, preferi que ela desse a sua versão, com relação ao que havia entendido do simbolismo vivenciado, já que a análise de sonhos não faz parte dos conteúdos da Psicoterapia Reencarnacionista. Ela afirmou ter compreendido que, embora deva ter algumas dificuldades para auxiliar/orientar jovens, conforme a progressão de memória apontara, poderá ser bem sucedida. Ou seja, embora hoje sua paciência com crianças não seja das melhores, o maior obstáculo está na sua mente. Acrescentou também que agora crê, a partir do sonho, que a sua tarefa com jovens ocorrerá de forma relativamente suave, pois associou isto com a trilha bem marcada e sinalizada, no meio da floresta. Por fim, interpretou que, ao final de sua atual encarnação, será vitoriosa com relação aos objetivos planejados anteriormente (no período pré-reencarnatório). Então, perguntei à Indaiá sobre o que sentiu após despertar do sonho. Depois de instantes meditando, respondeu-me que juntando o que interpretara com o que sentira após o sonho, concluíra que não deve ter medo em prosseguir. Adicionou que, surgindo oportunidades de ajudar a crianças, não pretende deixar para depois.

Na sequência, a “paciente” mudou de assunto, abordando a questão das suas três vidas com poder e atuação política, citadas durante a progressão. Ela afirmou que, de fato, há um reflexo dessas vivências pretéritas na sua personalidade atual. Hoje, apesar de ser uma mulher com dupla jornada de trabalho (enfermagem profissional/serviços domésticos em sua própria residência), prefere, com certeza, trabalhar fora de casa. Acrescentou que faz as tarefas caseiras com desgosto e vive planejando atividades externas, onde possa conseguir mais recursos financeiros e satisfação pessoal. Por fim, Indaiá concluiu que os aspectos masculinos do seu ser, preponderam sobre os aspectos femininos, no geral. Arrematou, dizendo que é muito mais uma pessoa de “ir à luta”, na busca do sustento familiar, do que uma pessoa que prefere ficar mais passiva diante das dificuldades, acomodando-se com o que tem.

Como a “paciente”, em seguida, demonstrou curiosidade sobre o período histórico em que errou, atuando como político, prometi-lhe trazer algum material sobre o assunto, embora nada disso tivesse função terapêutica. Dias depois, fiz uma breve pesquisa bibliográfica, com base nas informações obtidas durante as regressões e na progressão, onde ficara relativamente claro que Indaiá tivera um perfil de latifundiário, político “local” e escravocrata, no Brasil. Não foi difícil encontrar referências sobre o seu modo de atuação e o ambiente de inserção. Pereira (2000) salienta que “quatro classes sociais e suas respectivas elites sucederam-se, associaram-se por longos períodos e eventualmente entraram em conflito na história brasileira”, dentre elas a classe

“patriarcal proprietária de terras”, que foi dominante durante todo o período colonial. Já Carvalho (1997), ao discutir conceitualmente o “mandonismo”, o “coronelismo” e o “clientelismo”, diz: “o mandão, o potentado, o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política. O mandonismo não é um sistema, é uma característica da política tradicional. Existe desde o início da colonização e sobrevive ainda hoje em regiões isoladas.” Para dar um fechamento ao assunto originado pela curiosidade da “paciente”, cito, por último, Schwartzman (2003): “não há dúvida que as grandes distâncias, o isolamento das propriedades rurais, os recursos produzidos pela posse da terra e pelas *plantations* de açúcar, tudo isso levava ao fortalecimento do poder local.” De posse dessas informações, bem como de outras mais detalhadas, Indaiá disse que o material estava bem além de seus poucos conhecimentos sobre a história nacional, e que, após absorver tudo o que lhe foi possível, declarou ter se reconhecido nos conceitos e contextos apresentados.

### **3.6. Conclusões: avaliação final após a aplicação da Psicoterapia Reencarnacionista**

Neste item pretende-se, especificamente, fazer um balanço final do que foi o tratamento de Indaiá, através da Psicoterapia Reencarnacionista. Portanto, não serão discutidos os porquês, em termos psicossomáticos, das melhoras encontradas no quadro de Indaiá. Serão apresentadas as queixas iniciais da “paciente” e o que ela pôde melhorar com relação a cada problema. Antes disso, é importante ressaltar que a melhoria ou cura, de qualquer pessoa que se submeta à Psicoterapia Reencarnacionista, depende, em grande parte, de sua vontade de se transformar. Assim, quando se dá alta a um “paciente” desta modalidade psicoterápica, como no caso de Indaiá, é porque há evidências da sua real melhora, mas é fundamental assinalar que uma cura mais profunda ocorrerá, mais à frente, conforme o indivíduo continue o seu processo de transformação interior. A Psicoterapia Reencarnacionista propicia esta continuidade de crescimento interno, pós-tratamento, pois fornece, através das regressões terapêuticas, muitos elementos de autoconhecimento. Para aqueles que desejarem continuar, de forma mais intensa, a sua expansão consciencial, basta que permaneçam atentos a si próprios, buscando uma ressignificação constante, para tudo aquilo que não seja harmônico.

Para realizar uma avaliação final de Indaiá, nos encontramos mais uma vez. Passei a colocar cada questão que foi relatada na primeira consulta, dando a oportunidade da “paciente” se manifestar livremente sobre cada assunto.

Inicialmente, lembrei-lhe que relatara sobre uma alergia respiratória intensa a vários motivos (odores fortes, poeira e, principalmente, devido a mudanças climáticas). Ela colocou que, hoje, quando tem uma crise alérgica, toma apenas um comprimido de anti-histamínico para sustar a crise. Antes, tomava uma caixa inteira, sem um bom resultado. As crises agudas, atualmente, são bem raras, praticamente ausentes. Caso a “paciente” permaneça neste patamar de menor suscetibilidade à alergia, ela evitará estar excessivamente exposta a uma série de efeitos colaterais, que os anti-histamínicos e outros tipos de remédios antialérgicos provocam. No entanto, como não sou médico, não posso avaliar a eficácia do procedimento que a “paciente” tem realizado, quanto à alergia (automedicação e uso de subdoses de remédios), preferindo não entrar no mérito da questão.

Em seguida, recordei que Indaiá se queixara de ter uma prisão de ventre crônica, indagando-lhe se notara alguma alteração de quadro, depois das regressões terapêuticas e sessões de elaboração. Ela comentou que o problema ainda existe, mas de forma mais branda, talvez por estar emocionalmente mais equilibrada. Acrescentou que está mais consciente de que deve cuidar desta questão, e, para isso, alterou alguns hábitos alimentares, obtendo bons resultados.

Na sequência, solicitei que testemunhasse como estava a relação com a sua filha, por quem declarara grande apego, agindo de forma superprotetora. A “paciente” informou que a terapia se constituiu em algo libertador, tanto para si quanto para a própria filha. Indaiá assinalou que, nesta fase de sua vida, ocorreram grandes progressos, pois a sua filha está fazendo um curso superior em outra cidade, enquanto ela permanece no Rio de Janeiro, sem maiores preocupações. Ela declarou que, se a psicoterapia não tivesse chegado a tempo, provavelmente teria largado tudo para ir morar com a filha fora do Rio de Janeiro, ou, se fosse obrigada pelas circunstâncias, ficaria em casa, longe da filha, mas com extrema ansiedade e alto nível de estresse. A seguir, a “paciente” complementou este assunto, dizendo que, no geral, está permitindo maior liberdade de ação da sua filha, pois antes, por exemplo, praticamente não deixava ela sair com amigos para se divertir.

Então, interroguei sobre as intensas e persistentes dores de cabeça que surgiam, quando a “paciente” tinha algum aborrecimento. Indaiá, imediatamente, manifestou seu contentamento quanto à redução drástica deste problema, que era um ponto fraco dos mais graves, segundo a própria. Ela fez questão de contar em detalhes que, há pouco tempo, se viu impotente diante da incomunicabilidade de sua filha, por algumas horas em certo dia, no início de seu curso universitário, em outra cidade (telefone celular fora de área e o telefone fixo, acidentalmente, com a campainha desligada). Isto chegou a acarretar uma dor de cabeça mediana, mas que sumiu logo após ter contato com a filha, sem que precisasse usar qualquer remédio para enxaqueca. Ela salientou que, outrora (antes da Psicoterapia Reencarnacionista), as dores duravam o dia inteiro e somente



melhoravam com o uso de um remédio forte, só sumindo por completo no dia seguinte, após uma noite inteira de sono. Indaiá acrescentou que, mais recentemente, permitiu que a sua filha fizesse uma cirurgia estética. Isto também levou Indaiá a ter nova dor de cabeça, de intensidade menor do que estava acostumada. Esta dor não perdurou e não foi necessário que tomasse o medicamento que sempre usava. Hoje em dia, ela arrematou, quase não tem apresentado dores de cabeça, mesmo em situações em que antes isto ocorreria. Nunca mais foi preciso ingerir o remédio, que já usava desde muitos anos. Isto foi um fato muito positivo, já que o medicamento em questão (era o único que funcionava contra a cefaleia que acometia Indaiá) é uma associação de três princípios ativos, que formam uma extensa lista de efeitos colaterais.

Com relação às queixas de caráter emocional, lembrei à “paciente” que ela assinalara sentir-se uma pessoa rígida, impaciente, crítica e muito exigente consigo mesma e com os demais a sua volta. Sobre isso, ela falou que houve um abrandamento dessas características. Ocorreu, segundo a mesma, uma maior compreensão quanto às limitações inerentes ao ser humano, trazendo-lhe mais flexibilidade e tranquilidade, de uma forma genérica.

Logo em seguida, abordei como estavam seus sentimentos com relação ao ex-esposo, ex-cunhada e ex-sogra, dos quais Indaiá dissera guardar alguma mágoa. Ela afirmou que, agora, compreendia melhor as limitações de todos, passando a ter um sentimento de pena, por estarem aparentemente estagnados em suas evoluções. A “paciente” incluiu que, recentemente, surgiu uma oportunidade de se solidarizar com a ex-cunhada, de quem tinha mais repulsa, e a auxiliou diligentemente.

Então, relativamente a prostitutas e pessoas de vida sexual muito ativa, perguntei-lhe como estava o seu ponto de vista atual, pois revelara-me, na primeira consulta, que os desprezava com certo vigor. Indaiá explicou que, no momento, tem uma visão um pouco mais condescendente com relação a isto. Ela relatou que, há poucos dias, uma colega de trabalho veio desabafar com ela a sua situação emocional, revelando-lhe que tivera inúmeros parceiros sexuais nos últimos dois anos. A “paciente” assinalou que, se fosse há um tempo atrás, apenas a ouviria e, em seguida, se afastaria dela. No entanto nesta oportunidade, além de ouvi-la, aconselhou e apontou uma solução plausível. Indaiá acrescentou que, caso a sua colega a procure de novo, não a desprezará.

Logo a seguir, recordando o relato da “paciente” sobre a sua infância, lembrei-lhe que ela apontara uma relação difícil, com o seu irmão mais velho. Ela disse que, hoje, entende o quanto ele é infeliz e o quanto terá que sofrer, para abrandar alguns traços de seu caráter (quase todos da família o tratam como uma espécie de “ovelha negra”). Contudo, esclareceu que vive a uma certa distância dele, tendo pouco contato com o mesmo, mas, quando outros familiares vêm até ela,

atualmente, para falar mal dele (como sempre o fizeram), ela passou a deixar de alimentar os reclames, procurando minimizar os problemas.

Interroguei, então, sobre o quadro de ansiedade mais ou menos constante que Indaiá salientara, no início do tratamento. Ela declarou que nunca sentiu uma paz tão grande, como a que vive no momento, e, embora alguns acontecimentos positivos tenham ocorrido em sua vida particular, ela credita à Psicoterapia Reencarnacionista, em grande parte, a serenidade que adquiriu. Aproveitei o ensejo, e questionei se ainda apresentava estados melancólicos cíclicos. Ela respondeu que reduziram-se significativamente, mas que ainda ocorrem breves momentos de desânimo, após as crises oriundas da menopausa. Acrescentou que o seu médico lhe dissera, que é comum mulheres na fase da menopausa entrarem em períodos melancólicos, de duração variável.

Por fim, levantei a questão do seu porvir, sobre o que planejava para o seu futuro. Ela confirmou que, surgindo oportunidades de ajudar crianças, conforme a sua progressão de memória apontou, não pretende perder as chances. Adicionou que, está pensando em realizar alguns estudos de forma autodidata e cursos, que possam ser úteis nessa tarefa.

Tendo-se em vista o quadro geral apresentado nesta avaliação final, comuniquei à Indaiá que estava encerrando o seu tratamento. No entanto, fiz questão de esclarecê-la que o seu processo de autoconhecimento, conscientização e ressignificação, em busca de uma maior harmonia, com certeza não deveria parar. Acrescentei que a Psicoterapia Reencarnacionista fora um ponto de partida relevante, para o seu desenvolvimento pessoal e transpessoal, mas que deveriam ser levados, por ela mesma, adiante. Pus-me à disposição de Indaiá, futuramente, para tentar ajudar de qualquer forma, se for preciso, desejando-lhe a melhor sorte possível.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1- ABIC – Associação Brasileira da Indústria do Café. Disponível no endereço eletrônico: [http://www.abic.com.br/scafe\\_historia.html](http://www.abic.com.br/scafe_historia.html). Acesso em: 7 de janeiro de 2009.

2- Allgeier, K. Você já viveu outras vidas. Depoimentos verdadeiros sobre vidas passadas, Rio de Janeiro. Ediouro, 1998. 172 p.

3- Banerjee, H. N. Vida pretérita e futura. Um impressionante estudo sobre reencarnação, São Paulo. Nórdica, sem data. 119 p.

4- Binder, B. B. Vidas passadas. Como utilizar a experiência de outras vidas na busca da felicidade atual, São Paulo. Editora Best Seller, 1985. 189 p.

5- Bowman, C. Crianças e suas vidas passadas. Como as lembranças de vidas passadas afetam nossos filhos, Rio de Janeiro. Ed. Salamandra, 1997. 312 p.

6- Bowman, C. O amor me trouxe de volta. Histórias emocionantes sobre reencarnação em família, Rio de Janeiro. Ed. Sextante, 2005. 151 p.

7- Carvalho, J. M. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual. IUPERJ, Rio de Janeiro, volume 40, número 2, sem paginação, 1997. Disponível no endereço eletrônico: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci\\_arttext&tlng=in](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci_arttext&tlng=in). Acesso em: 18 de fevereiro de 2009.

8- Castro, J. M. J. P. Estudo da população de javali (*Sus scrofa* Linnaeus, 1758) no Parque Natural da Serra da Estrela, Manteigas – Portugal. Instituto de Conservação da Natureza, 2001. Disponível no endereço eletrônico: [http://portal.icnb.pt/NR/rdonlyres/80C3A8C8-6A74-46A5-A986-73296A2E591E/0/PNSEJavali\\_Populacao\\_2001.pdf](http://portal.icnb.pt/NR/rdonlyres/80C3A8C8-6A74-46A5-A986-73296A2E591E/0/PNSEJavali_Populacao_2001.pdf). Acesso em: 6 de fevereiro de 2009.

9- Cunha, M. C. Imagens de índios do Brasil: o século XVI. Estudos Avançados - USP, São Paulo, volume 4, número 10, p.91-110, 1990. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v4n10/v4n10a05.pdf>. Acesso em: 7 de janeiro de 2009.

- 10- Goswami, A. A física da alma. A explicação científica para a reencarnação, a imortalidade e experiências de quase morte, São Paulo. Editora Aleph, 2005. 316 p.
- 11- Guimarães, M. T. R. Viajantes. Histórias que o tempo conta, Campinas. Editora do Conhecimento, 1999. 232 p.
- 12- Javali. Disponível no endereço eletrônico: [http://www.agrov.com/animais/peq\\_ani/javali.htm](http://www.agrov.com/animais/peq_ani/javali.htm). Acesso em: 6 de fevereiro de 2009.
- 13- Kwitko, M. A personalidade congênita. Disponível no endereço eletrônico: [http://www.maurokwitko.com.br/artigos/pers\\_cong.htm](http://www.maurokwitko.com.br/artigos/pers_cong.htm) . Acesso em: 18 de dezembro de 2008a.
- 14- Kwitko, M. 20 casos de regressão, Porto Alegre. Edições Besouro Box, 2006a. 239 p.
- 15- Kwitko, M. Como aproveitar a sua encarnação, Porto Alegre. Edições Besouro Box, 2007a. 128 p.
- 16- Kwitko, M. Doutor, eu ouço vozes! Doença mental ou mediunidade? Porto Alegre. Edições Besouro Box, 2006b. 238 p.
- 17- Kwitko, M. Psicoterapia Reencarnacionista em 10 lições – Parte 1. Disponível no endereço eletrônico: <http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/conteudo.asp?id=4101> . Acesso em: 16 de janeiro de 2009.
- 18- Kwitko, M. Terapia de regressão: todas as perguntas, todas as respostas, Porto Alegre. Edições Besouro Box, 2007b. 176 p.
- 19- Kwitko, M. Tratando depressão com terapia de regressão a vidas passadas, Porto Alegre. Edições Besouro Box, 2008b. 126 p.
- 20- Martins, E. F. Abrindo as janelas do tempo através da terapia da regressão, Campinas. Editora Livro Pleno, 2001. 131 p. Disponível no endereço eletrônico: [http://br.geocities.com/edison\\_flavio\\_martins/livro.html](http://br.geocities.com/edison_flavio_martins/livro.html) . Acesso em: 19 de janeiro de 2009.

- 21- Mendes, E. C. Personalidade hiperconsciente, São Paulo. Editora Pensamento, 1992. 122 p.
- 22- Mendes, E. C. Personalidade intrusa, São Paulo. Editora Pensamento, 1987. 128 p.
- 23- Muller, K. E. Reencarnação baseada em fatos, São Paulo. Edicel, 1978. 298 p.
- 24- Netherton, M. Vida passada. Uma abordagem psicoterápica, São Paulo. Summus Editorial, 1997. 167 p.
- 25- Novaes, A. M. F. Psicologia do espírito, Salvador. Fundação Lar Harmonia, 2000. 247 p.
- 26- OMS – Organização Mundial de Saúde. CID-10. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10. Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas, Porto Alegre. Artmed Editora, 1993. 351 p.
- 27- Palhano Júnior, L. Viagens psíquicas no tempo, Niterói. Publicações Lachâtre Editora Ltda., 1998. 184 p.
- 28- Palhano Júnior, L. & Oliveira, J. A. S. Laudos espíritas da loucura, Niterói. Publicações Lachâtre Editora Ltda., 1997. 221 p.
- 29- Pereira, L. C. B. Pobres elites iluminadas. Estudos Avançados - USP, São Paulo, volume 14, número 38, p.235-246, 2000. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v14n38/v14n38a12.pdf> . Acesso em: 18 de fevereiro de 2009.
- 30- Santos, J. A. Segredos do espírito. Zona do inconsciente, Sobradinho. Edicel, 1999. 195p.
- 31- Santos, J. A. Visão espírita nas distonias mentais, Rio de Janeiro. FEB, 1990. 139p.
- 32- Sbalqueiro, I. J. & Freitas, T. R. Avaliação da variabilidade genética em suínos não domesticados da Europa e da América do Sul. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.cnpq.br/cnpq/psgpa/003.html>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2009.

- 33- Schwartzman, S. Atualidade de Raymundo Faoro. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, volume 46, número 2, p. 207-213, 2003. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.scielo.br/pdf/dados/v46n2/a01v46n2.pdf> . Acesso em: 18 de fevereiro de 2009.
- 34- Silva, D. B. T. Terapia das vidas passadas: reencarnação e ciência. In: Psicoterapias e estados de transe, p.187-216, São Paulo. Summus Editorial, 1985. 239 p.
- 35- Silva, G. K. A. Índios e identidades: formas de inserção e sobrevivência na sociedade colonial (1535-1716), Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 2004. 145 p. Tese de mestrado.
- 36- Silveira, R. Psiquiatria iluminada. Joias do meu arquivo, Rio de Janeiro. CELD, 2004. 206 p.
- 37- Staden, H. Duas viagens ao Brasil, São Paulo. Ed. Itatiaia e EDUSP, 1974. 216 p.
- 38- Stevenson, I. 20 casos sugestivos de reencarnação, São Paulo. Editora Difusora Cultural, 1971. 520p.
- 39- Wambach, H. Vida antes da vida, Rio de Janeiro. Editora Freitas Bastos, 1988. 229 p.
- 40- Weiss, B. L. Muitas vidas, uma só alma, Rio de Janeiro. Editora Sextante, 2005. 207 p.
- 41- Wiesendanger, H. A terapia da reencarnação. As possibilidades oferecidas pela regressão a vidas passadas, São Paulo. Editora Pensamento, 1998. 247 p.
- 42- Woolger, R. J. As várias vidas da alma. Um psicoterapeuta junguiano descobre as vidas passadas, São Paulo. Editora Cultrix, 1998. 226 p.